

**UNIVERSIDADE REGIONAL DO NOROESTE DO ESTADO DO
RIO GRANDE DO SUL**

TACIANA BASSO TOLAZZI

**SUJEITOS DE TERCEIRA IDADE:
LETRAMENTO, IDENTIDADE E RELAÇÕES DE PODER**

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Ana Maria Colling

Ijuí

2006

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

TACIANA BASSO TOLAZZI

SUJEITOS DE TERCEIRA IDADE:

LETRAMENTO, IDENTIDADE E RELAÇÕES DE PODER

Dissertação apresentada para a Banca de Defesa Final, no Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências – Mestrado da UNIJUÍ (Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul), como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Educação nas Ciências.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ana Maria Colling

Ijuí (RS), maio de 2006.

*Ao meu marido Igilberto,
aos meus filhos Natália e Murilo e
à minha mãe Alaides.*

AGRADECIMENTOS

*À Deus,
pela sua presença e força espiritual;*

*à Professora Dr^a. Ana Maria Colling,
um agradecimento especial pelas suas orientações,
que permitiram o crescimento e amadurecimento deste trabalho.
Obrigada por sua dedicação, por seu apoio e, principalmente, por sua amizade;*

*à Professora Dr^a. Lucia Rottava,
por sua orientação e acompanhamento até à banca de qualificação;*

*às Professoras Dr^a. Anna Rosa Fontella Santiago e Dr^a. Maria Cristina Pansera de Araújo,
pela disponibilidade de leitura e pelas suas sugestões que,
certamente, foram importantes para esta pesquisa;*

*ao Professor Dr. Gilberto Ferreira da Silva,
membro da Banca de Defesa Final;*

*aos Professores do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências,
pelos momentos de aprendizagem e crescimento;*

a todos os colegas, com os quais tive a oportunidade de conviver e trocar idéias;

*aos meus familiares,
pelo carinho, apoio, estímulo e pela compreensão nas minhas ausências;*

aos amigos e amigas, pelo incentivo;

*aos participantes e coordenadoras do Grupo de Terceira Idade Conviver
um carinho especial e todo meu reconhecimento,
pela oportunidade de vivenciar momentos tão importantes para minha aprendizagem.*

DIFERENÇA ENTRE O “VELHO” E O “JOVEM IDOSO”

*Terceira idade sedentária: é o velho.
Terceira idade ativa: é o jovem idoso.*

*O jovem idoso sonha.
O velho dorme.
O jovem idoso se exercita.
O velho apenas descansa.
O jovem idoso sente amor.
O velho sente ciúme.
O jovem idoso tem planos.
O velho tem apenas saudade.
O jovem idoso sorri, canta e dança.
O velho apenas cansa.
O jovem idoso gosta de viajar.
O velho nem pensa nisso.
O jovem idoso não pára em casa.
O velho só fica em casa.”
(Autor desconhecido)*

RESUMO

Esta dissertação tem o objetivo de investigar, em uma perspectiva educacional, as práticas sociais no contexto de idosos, percebendo as relações que se estabelecem entre essas práticas e a constituição do sujeito da terceira idade. Investiga, também, as práticas discursivas de letramento características deste grupo de pessoas e como estas contribuem na construção da identidade destes sujeitos. Teoricamente, no que se refere ao letramento, a pesquisa está embasada na sua dimensão social, considerando-o como um conjunto de práticas sociais relacionadas à leitura e à escrita. No que se refere à representação, à identidade e às relações de poder, fundamenta-se nas concepções de Michel Foucault e Roger Chartier. Trata-se de uma pesquisa qualitativa cujos dados envolvem observações e relatos realizados no grupo de idosos e entrevistas abertas com cinco sujeitos. Os resultados permitem considerar que: os sujeitos fazem usos da leitura e da escrita, presentes em eventos e práticas de letramento tanto no grupo investigado quanto em seu cotidiano; as práticas discursivas são características do contexto no qual os sujeitos da terceira idade estão inseridos, contribuindo para a construção da sua identidade e para a sua integração à comunidade; as vozes dos sujeitos são dissonantes evidenciando-se diferenças entre eles; a terceira idade é uma construção social determinada por práticas sociais e representações. As contribuições desta pesquisa estão relacionadas ao reconhecimento das relações que perpassam a constituição do sujeito da terceira idade, bem como o próprio grupo, à influência das práticas sociais na integração do idoso à sociedade e, por fim, aos diferentes significados que a leitura e a escrita assumem para os sujeitos da pesquisa.

Palavras-chave: Terceira Idade. Letramento. Identidade. Poder.

ABSTRACT

This dissertation has the objective to search, in an educational perspective, the social practices in the elderly context, understanding the relationships that set up between these practices and the formation of the citizen from third age. Inquire, also, the discursive practices of the literacy characteristic in this group of people and as these contribute in the constructing of the identify these citizens. Theoretically, in that refers to literacy, the research is based in its social dimension, considering it as a collection of the social practices relationship to the reading and writing. On that referring to representation, to identify and to the relationship of power, setting up in the conceptions from Michel Foucault and Roger Chartier. It treats of a qualitative research whose important pieces of information get involved in observations and narratives realized in the elderly group and opened interviews with five citizens. The results let consider that: the citizens do use of the reading and writing, present in events and literacy practices so in the group investigated for as in its quotidian; the discursive practices are characteristic from the context of whom the citizens from third age are inserted, contributing to the construction of their identify and their community's integration; the voices of the citizens are inharmonious becoming evident differences among them; the elderly age is a social construction determined for social practices and representations. The contributions in the research are relationships to the knowledge of relations that pass by the constitution of elderly citizens, on good with the own group, the influence of the social practices in the integration of old person for the society, and then, to the different meaning that the reading and writing take for the research's citizens.

Key-words: elderly citizen – literacy – identify – power.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. O CONTEXTO DOS IDOSOS E OS CAMINHOS DA PESQUISA	16
1.1 Um primeiro olhar sobre a temática.....	16
1.2 A trajetória metodológica da pesquisa.....	25
1.3 O contexto investigado.....	27
1.4 Os sujeitos da pesquisa.....	28
1.5 Os instrumentos de coleta de dados.....	33
1.5.1 Observações e relatos.....	34
1.5.2 Entrevistas.....	36
2. CONSIDERAÇÕES SOBRE LETRAMENTO, IDENTIDADE E AS RELAÇÕES QUE PERPASSAM A CONSTRUÇÃO DOS SUJEITOS DA TERCEIRA IDADE.....	37
2.1 Letramento: em busca de significações.....	37
2.2 Para além do “letrado” ou “iletrado”: as vozes dos sujeitos.....	42
2.3 Terceira Idade, entre representações e identidades: a construção dos sujeitos.....	52

3. INSERÇÃO NO GRUPO DE TERCEIRA IDADE.....	59
3.1 Algumas práticas discursivas e não-discursivas do grupo de idosos.....	59
3.1.1 Jogo de bingo.....	60
3.1.2 Palestras.....	63
3.1.3 Grupo de Cantos.....	65
3.1.4 Roda de chimarrão.....	68
3.1.5 Grupo de danças.....	71
3.2 Eventos e práticas de letramento nas atividades cotidianas dos idosos.....	72
3.3 Grupos de terceira idade e a identidade do sujeito idoso.....	81
3.4 As relações entre os sujeitos: vozes que soam.....	91
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	100
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	106
ANEXO.....	111

INTRODUÇÃO

Michel Foucault instiga leitores e estudiosos ao escrever: “O homem é uma invenção, e uma invenção recente, tal como a arqueologia do nosso pensamento o mostra facilmente. E talvez ela nos indique também o seu próximo fim” (1981 p. 502). Essa afirmação do autor me permite pensar que, assim como o homem, também a criança e o velho são sujeitos construídos, inventados. Mas como se constroem os sujeitos?

Talvez esta seja uma das principais indagações que fez com que eu¹ iniciasse esta pesquisa, principalmente porque me proponho investigar um sujeito em construção: o sujeito da terceira idade. Com o objetivo de compreender as relações que se estabelecem entre as práticas sociais e a constituição do sujeito da terceira idade, o presente estudo investiga as práticas discursivas e não-discursivas, num contexto de idosos. Segundo Foucault, “(...) as práticas discursivas são um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou lingüística, as condições de exercício na função enunciativa” (2004, p. 133). As práticas não-discursivas, por sua vez, são as relações de poder. Os regimes de verdade e a constituição dos sujeitos, dão-se numa interação entre práticas discursivas e práticas não-discursivas entremeadas pela relação poder e saber.

¹ A minha área de formação é a Pedagogia. Ao entrar em contato com estudos sobre educação gerontológica tive muito interesse em pesquisar sobre idosos e, principalmente sobre a terceira idade. Busquei, portanto, conciliar minhas indagações em relação à leitura e à escrita com as questões referentes à construção dos sujeitos da terceira idade.

Outra questão que moveu esta pesquisa relaciona-se a um interesse pessoal: o letramento. Desta forma, este estudo também investiga que *práticas e eventos de letramento* são característicos do grupo de idosos e, em que medida podem contribuir na construção da identidade destes sujeitos.

Para tanto contempla a *dimensão social do letramento*², ou seja, compreende-o não somente como um conjunto de habilidades individuais, mas como um conjunto de práticas sociais ligadas à leitura e à escrita em que os indivíduos se envolvem em seu contexto social (Soares, 2004) e considera as práticas discursivas e eventos como constitutivos das relações, da organização e do funcionamento do grupo de terceira idade. Essas relações que perpassam o grupo poderão ser percebidas nas vozes dos sujeitos, na forma como são ouvidos e na maneira como produzem o contexto social do qual fazem parte. Segundo Mey (2001), as vozes correspondem a um personagem, a um agente social, e juntas constroem o “tecido” da sociedade.

Embora o conceito de letramento tenha sido recorrente em estudos e contextos de ensino e de aprendizagem formal (Kleiman, 1995; Rojo, 1995; Terzi, 1995; Bortoni, 1995), mais recentemente, é temática também em contextos informais de naturezas diversas, muitos dos quais organizados pela comunidade de modo geral, tais como os estudos com: agricultores analfabetos e semi-alfabetizados (Signorini, 1994); mulheres na Educação de Jovens e Adultos (Magalhães, 1995); militância política (Ratto, 1995); imagens de mídia (Hamilton, 2000); folhetos semanais de igreja e os aspectos do tempo (Tusting, 2000); prisão (Wilson, 2000), público leitor/ouvinte de literatura de cordel (Galvão, 2002) e estudo com porteiros (Coutinho, 2005). Não há, no entanto, pesquisas que contemplem essa

² Veja-se mais em Kleiman (1995), Barton e Hamilton (2000), Marcuschi (2001) e Soares (2004).

temática com idosos, indicando uma lacuna que poderá ser preenchida, em parte, por esta pesquisa.

Além de não haver estudos neste contexto, esta pesquisa espera contribuir investigando quais os interesses que motivam a constituição dos grupos de terceira idade e qual a relação destes interesses com as práticas discursivas de letramento que estão inseridas no grupo.

Considero nesta investigação as práticas discursivas de letramento como:

as matrizes históricas que determinam a produção e a interpretação de textos falados ou escritos, com emissores e receptores concretos. As práticas discursivas de letramento têm caráter institucional ou comunitário, constituindo identidades, valores e crenças mediadas pelo meio escrito (Magalhães, 1995, p.205).

Esse conceito, trazido por Izabel Magalhães permite refletir sobre duas questões: em primeiro lugar, que os sujeitos de um grupo desenvolvem práticas discursivas distintas de outros grupos, conforme o contexto em que estão inseridos ou, de outra forma, que as vozes dos sujeitos soam conforme o espaço social do qual fazem parte; em segundo lugar, que as práticas discursivas de letramento, segundo Barton e Hamilton (2000) são organizadas por instituições sociais e relações de poder, sendo que alguns letramentos são mais dominantes, visíveis e influentes, do que outros (p.08). A partir disso, compreendo que o letramento é mais do que a habilidade de ler e escrever, trazendo conseqüências para os grupos sociais e os contextos nos quais estão inseridos.

Percebo, então, uma outra lacuna a ser contemplada neste estudo, incluindo a compreensão de quais práticas discursivas de letramento são características dos grupos de terceira idade e quais as conseqüências que trariam para estes sujeitos.

Ao considerar o fato de existirem práticas discursivas de letramento características do grupo de idosos, levo em conta a hipótese de que estas podem estar contribuindo na constituição dos sujeitos da terceira idade, ao mesmo tempo em que possibilitam caracterizar uma identidade. Dessa forma, a temática desta pesquisa perpassa, além do letramento numa abordagem social, também o conceito de identidade.

Ao referir-me a identidade é importante esclarecer que a compreendo como um conjunto de características que definem um sujeito ou um grupo social. Conforme as reflexões de Silva (2003), os sujeitos constroem uma identidade cultural ou social a partir de uma representação, ou seja, de marcas capazes de constituir um sujeito, ou um grupo social. A identidade, portanto, não existe naturalmente, mas é construída na própria sociedade. Segundo Chartier (1994), as representações coletivas incorporam nos indivíduos as divisões do mundo social e estruturam os esquemas de percepção e de apreciação a partir dos quais estes classificam, julgam e agem (p. 108). Conforme o autor, as representações coletivas dos sujeitos incorporam os traços que lhes são impostos, constituindo-os como branco, negro, homem, mulher, homossexual, heterossexual, ou seja, constituindo as identidades destes sujeitos ou mesmo de grupos sociais.

É necessário ressaltar que ao refletir sobre identidade e representação este estudo trata de poder numa abordagem de Michel Foucault. Segundo o autor, “o poder não é algo que se adquira, arrebate ou compartilhe, algo que se guarde ou deixe escapar; o poder se exerce a partir de inúmeros pontos e em meio a relações desiguais e móveis (...) que possuem, lá onde atuam, um papel diretamente produtor”(1988, p. 89-90). O poder,

portanto, define como se processa a representação, produzindo identidades, sujeitos e subjetividades.

Com base nesta temática, esta pesquisa investiga como se dão as relações de poder no grupo de idosos. Foucault ressalta que “na sociedade, há milhares e milhares de relações de poder e, por conseguinte, relações de força de pequenos enfrentamentos, microlutas, de algum modo”(2003, p. 231). Ao investigar sobre um sujeito que está sendo construído socialmente é importante abordar como se produzem e como atuam estas relações.

Considerando, assim, os objetivos e as lacunas explicitadas, a dissertação está organizada em três capítulos, além da introdução e das considerações finais. O primeiro capítulo traz um olhar sobre a temática e sobre a trajetória metodológica da pesquisa, apresentando o contexto investigado, os sujeitos e os instrumentos utilizados para a coleta de dados. O segundo capítulo aborda alguns conceitos como letramento, identidade, representação e relações de poder. O terceiro capítulo trata dos dados propriamente, em que são selecionadas as informações pela sua relevância em relação ao tema e em relação aos conceitos teóricos norteadores.

As considerações finais retomam as perguntas que orientaram a investigação e abordam as contribuições deste estudo. Acompanha o trabalho um anexo, que inclui a entrevista aplicada aos sujeitos da pesquisa.

CAPÍTULO 1

O CONTEXTO DOS IDOSOS E OS CAMINHOS DA PESQUISA

Esse capítulo traz, inicialmente, um olhar sobre os idosos na sociedade atual. Em seguida, apresenta a metodologia utilizada, explicitando o contexto investigado, o perfil dos sujeitos e os instrumentos da coleta de dados.

1.1 Um primeiro olhar sobre a temática

O contexto desta pesquisa focaliza pessoas de terceira idade, outrora simplesmente velhos ou idosos, mas que hoje, parecem estar assumindo uma nova identidade perante a sociedade. São sujeitos que durante algum tempo foram excluídos do meio social e, por vezes, até ridicularizados pelas suas condições físicas e mentais, mas que com as mudanças científicas, tecnológicas e o desenvolvimento da medicina passaram a viver por mais tempo e em melhores condições físicas, cognitivas e afetivas, constituindo, assim, uma parcela da população que tem aumentado significativamente.

Além de melhorar suas condições de vida, essas pessoas foram reconquistando seu espaço na sociedade e na sua própria família. Atualmente, reúnem-se em grupos e participam de diversas atividades: passeios, bailes, oficinas de produção artesanal, de culinária, jogos recreativos. Também, praticam atividades físicas e estão mais independentes e mais alegres. “A velhice aos poucos passou a ser vista também como um momento da vida no qual se pode viver com prazer, satisfação, realização social, de maneira mais madura e produtiva” (Cachioni, 2003, p. 15). Mudou-se o discurso da sociedade no que se refere ao idoso, estabelecendo-se uma relação diferente do velho consigo mesmo, com seus filhos, netos, enfim, com a sociedade.

Este novo discurso, presente principalmente na mídia (nos telejornais, nas propagandas, nos artigos de revistas, colunas de jornal, programas de rádio), além de modificar a imagem do idoso perante a sociedade, transformou-o, também, num consumidor em potencial. Nos dias de hoje, esta parcela da população, antes esquecida, tornou-se uma parte importante do mercado de consumo, sendo inclusive disputada por diversos segmentos que vão desde as agências de viagens e planos de saúde, até as indústrias de cosméticos e de produtos alimentares. Os idosos são considerados, ainda, em algumas cidades brasileiras, como provedores financeiros, pois a única renda para o sustento da família é proveniente de sua aposentadoria.

Conforme dados do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - a população idosa tem aumentado significativamente, no Brasil. Em 2002, 9,3% da população brasileira constituía-se de pessoas com 60 anos ou mais e, segundo as projeções

populacionais realizadas pelo Instituto, em 2020 os idosos chegarão a 11,4% da população³. Este fato tem sido, também, uma preocupação mundial, e tem estimulado diversas estratégias e políticas sociais por parte dos governos, a fim de que se prepare a sociedade para esta realidade. O idoso está sendo estimulado a permanecer integrado ao meio social, continuando ativo por mais tempo e tendo seus direitos reconhecidos.

Os discursos veiculados pela mídia fazem parte de algumas das estratégias das quais o governo lança mão para que o idoso, assim como a sociedade em geral, construa uma representação do velho como sendo ativo, útil e consciente de seus interesses e de suas necessidades. “Assim, cria-se um novo contexto político em que os idosos são reconhecidos como cidadãos em toda a extensão da palavra com direitos e deveres apropriados a suas capacidades, dando-se assim visibilidade a esta nova categoria social” (Lisboa, 2004, p. 70).

O idoso, ainda, tornou-se objeto de estudo de várias áreas. Ao lado da geriatria, que estuda as patologias, as doenças e os problemas relacionados à velhice, desenvolveu-se recentemente uma ciência chamada gerontologia. Segundo Simone de Beauvoir, ela não estuda as patologias da velhice, mas o próprio processo do envelhecimento. (1990, p. 30). Ressalta-se, ainda, que a gerontologia aborda “um amplo campo de natureza multi e interdisciplinar, ancorado pela biologia, pela medicina, pelas ciências sociais e pela psicologia” (Cachioni, op. cit. p. 19). Ambas as ciências, geriatria e gerontologia, estão preocupadas em encontrar soluções para os problemas que afligem os idosos.

Nesta perspectiva, surgiram algumas pesquisas que se dedicam a compreender a velhice e as implicações decorrentes desta fase da vida. Dentre estas, cito os estudos de

³ Dados do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, disponíveis em <http://www.ibge.gov.br> Acesso em 06/10/05.

Anita Liberalesso Neri (2003), Mônica Maria Barbosa Leiva de Luca (2003) e João Carlos Lisboa (2004).

Neri (op. cit) desenvolveu uma pesquisa com o objetivo de identificar e analisar as atitudes e as crenças sobre a velhice, presentes na mídia. Para tanto, examinou matérias, envolvendo o tema, publicadas no jornal *O Estado de São Paulo*, pelo período de sete anos, de 1995 a 2002.

Segundo a autora, os conteúdos dos textos apresentados no período mencionado revelaram duas formas de tratamento ao assunto velhice: uma que se refere a esta fase como uma questão médico-social e outra como questão existencial e cultural. Neri (op. cit.) menciona que, em ambos os contextos, “a boa velhice é identificada com boa saúde, autocuidado, estilo de vida saudável, atividade, produtividade, satisfação, otimismo e jovialidade” (p. 51).

A autora observou que boa parte dos textos estava fundamentada em dados científicos e opiniões de especialistas, tratando o tema com seriedade. Entretanto, alguns textos isolados demonstraram uma visão preconceituosa e estereotipada dos idosos e do envelhecimento. Salientou, ainda, que as matérias analisadas evidenciaram uma concepção de que envelhecer bem é responsabilidade individual, ou seja, cada indivíduo é responsável por garantir a qualidade de vida na sua velhice. Desta forma, Neri (op. cit.) ponderou que pouco se percebeu a presença de soluções coletivas ou institucionais que pudessem proporcionar melhores condições de vida aos idosos. Ao concluir, a autora mencionou o fato de que:

A boa qualidade de vida na velhice foi transformada em questão política, na medida em que o realce dado pelo jornal à questão previdenciária incluiu a proposição de duas mudanças paradigmáticas: uma é a alteração nas relações do

Estado com a sociedade. A outra é a alteração nas concepções sobre o lugar do idoso na sociedade, ou sobre os deveres da sociedade para com ele (p. 53).

A partir do que foi investigado por Neri (op. cit.), é perceptível a influência dos discursos presentes na mídia nas concepções dos sujeitos idosos, e da sociedade em relação a esses sujeitos.

Outra pesquisa, desta vez a de Luca (2003), teve como objetivo entender os processos de produção dos sentidos de identidade social em constituição num assentamento de agricultores cuja ocupação ocorreu em 1997. A autora considerou em sua investigação a realidade de um grupo social em constituição, os assentados de Vergel em processo de envelhecimento, e o trabalho como um produtor de subjetividade.

Tendo como base teórica autores como Larrosa (1998), Hall (2000) e Gusmão (2001), o estudo de Luca (2003) tratou de identidades sociais como múltiplas, constituídas na relação com o outro e da alteridade como constitutiva da produção dos sujeitos. Nesta perspectiva, a autora observou como as identidades dos sujeitos assentados vinham sendo produzidas, investigando as práticas sociais presentes na comunidade, as suas metodologias de ação política, a sua organização comunitária, as redes de relação que estabeleceram junto à sociedade e os discursos que os constituíram: familiares, escolares, religiosos, políticos, morais, do trabalho e dos movimentos sociais.

Luca (2003) percebeu que os sujeitos de Vergel demonstraram uma visão bastante tradicional de mundo: a moralidade está fundamentada nas crenças religiosas; os valores fundamentados no trabalho e na disciplina; o homem está representado como trabalhador, produtivo e capaz de suprir as necessidades da família; a educação está relacionada a uma visão escolarizante, técnica e disciplinadora (p.191). A autora salientou ainda, que as “suas

metodologias de ação, suas práticas e suas referências são estratégias de resistências contra os discursos antagônicos aos movimentos sociais (...)” (Luca, op. cit., p. 192).

No que se refere à velhice, a autora percebeu que não havia programas ou políticas sociais voltadas a atender os sujeitos idosos do assentamento. Destacou, também, que um dos critérios utilizados para determinar a quantidade de terra que cada família recebia era a idade dos dependentes. Assim, quanto mais velhos os membros da família, menor seria o lote a ela destinado.

Luca (op. cit.) apontou para a presença de um discurso que relacionava os mais velhos a menores condições de trabalho e a velhice a um problema social. No início da pesquisa propôs-se, então, a investigar qual a concepção de envelhecimento que perpassava estes discursos. No entanto, deparou-se com um “problema”: os idosos do assentamento não se consideravam como velhos ou velhas. Para estes sujeitos a idade cronológica não era referência para que pudessem ser considerados idosos. Ser velho, segundo eles, era estar doente, não poder mais cuidar da sua terra e não poder mais trabalhar. Como estavam ainda produzindo, não se viam representados na velhice, apesar da idade. Esta questão levantada pela autora permite refletir sobre a relação entre trabalho/juventude/vida e aposentadoria/velhice/morte. O fato de estar trabalhando e produzindo estaria representado na juventude, no estar vivo. A aposentadoria, por sua vez, estaria relacionada à velhice, ao sentimento de inutilidade, à espera pela morte. Como os sujeitos do assentamento em questão permaneciam, apesar da idade mais avançada, produzindo e trabalhando, não se consideravam velhos.

Apesar disso, Luca (op. cit.) ressalta o conflito vivido por estes sujeitos ao receberem a aposentadoria por idade. Esse momento significava assumir a sua condição de sujeito

idoso, ainda que não se considerasse como tal. Para eles o benefício recebido não consistia no seu afastamento da vida produtiva (como está representado para outros sujeitos nessa mesma condição), já que se mantinham em atividade na terra. Buscavam, então, compreender a aposentadoria como uma forma de colaborar financeiramente com a família ou com a comunidade.

Segundo a autora, o envelhecimento foi se configurando, na pesquisa, como um tema importante para refletir sobre a questão da identidade no grupo, pois dentre as diversas faixas etárias presentes na comunidade, foi junto aos idosos da comunidade que Luca (op. cit.) percebeu a razão do ingresso dos sujeitos no movimento social de luta pela terra: voltar as suas origens e recuperar uma identidade relacionada à lida do campo.

A autora observou que o trabalho era tido como produtor de subjetividades na medida em que os assentados com idade acima de 60 anos relacionavam a sua identidade ao meio rural. Por mais que tivessem tido outras profissões no meio urbano, a volta ao campo significava poder reassumir a sua identidade de agricultor ou lavrador.

Outra questão mencionada por Luca (op. cit.) é que, ao ocuparem o assentamento, os sujeitos contaram com alguns cursos técnicos, organizados a fim de melhorar os conhecimentos necessários para o cultivo da terra. Nos momentos de socialização de experiências, os idosos tiveram lugar de destaque, pois possuíam os saberes do meio rural, sentindo-se valorizados.

Ao concluir seu estudo, Luca (op. cit.) ressalta que o diálogo com as pessoas do assentamento, especialmente com os sujeitos mais velhos, possibilitou estabelecer uma reflexão sobre a produção de subjetividades e o trabalho realizado no campo. A autora verificou, pelo contato com suas histórias de vida, com seu cotidiano, seus valores e suas

crenças, que os sujeitos são construídos na interação com os outros. Compreendeu, também, que as interações e práticas sociais, os discursos e as representações sobre o envelhecimento estão produzindo a velhice destes sujeitos.

Sobre as conclusões de Luca (op. cit.) e em relação ao que será tratado neste estudo, considero importante ressaltar que as práticas sociais, discursivas e não-discursivas, estão produzindo, na verdade, os próprios sujeitos do assentamento de Vergel e não apenas a sua velhice. Estes sujeitos, então, são reconhecidos como pessoas produtivas que se mantêm em atividade e, desta forma, constroem uma nova forma de envelhecer.

Uma última pesquisa a ser citada é a de Lisboa (2004) que também se refere ao tema envelhecimento. Trata-se de um estudo de caso com a população geriátrica de um município do noroeste do estado do Rio Grande do Sul, em que analisou a educação na relação entre médico e paciente. Os dados da pesquisa têm uma abordagem de natureza quantitativa e qualitativa, visando traçar o perfil da população idosa usuária, em três Centros de Atenção à Saúde, no município em que o estudo foi desenvolvido.

O autor discutiu a respeito de envelhecimento, de terceira idade, das políticas públicas relacionadas ao idoso, além de elencar as características da população idosa “em relação a diversas variáveis, como faixa etária, gênero, condições socioeconômicas, origem étnica, escolaridade, história de vida de trabalho e de saúde, etc...” (op. cit, p. 79). Para complementar, apresentou uma reflexão acerca da formação médica e da relação entre médicos e pacientes idosos na medicina atual.

No que se refere ao envelhecimento, Lisboa (op. cit.) salientou que o idoso não é mais visto como um velho inútil, desgastado e improdutivo, concepção fortemente influenciada pela ótica capitalista. Segundo o autor, atualmente, “a nova racionalidade geradora de

novos discursos, de mais práticas sociais, transforma o velho num 'idoso saudável', que pode e deve exercer seu direito de cidadania" (op. cit., p.62).

Ao investigar as características da população idosa, o autor observou que o fenômeno do envelhecimento humano destaca a maior sobrevivência das mulheres, ao que se referiu afirmando que "nas faixas etárias mais avançadas, aumenta a diferença percentual a favor da população feminina, destacando-se a maior sobrevivência masculina" (p. 84).

Quanto à escolaridade, Lisboa (op. cit.) observou que a população idosa pesquisada caracterizou-se por baixos níveis de escolaridade, indicando que 25,2% dos idosos não possuem nenhuma escolaridade e que 50,5% estudaram entre a primeira e a quarta série do ensino fundamental (p. 91).

Ao investigar a relação entre o paradigma atual do envelhecimento e a qualidade e o estilo de vida do idoso, o autor fez algumas avaliações referentes às suas atividades físicas e comparou-as à história de vida e de trabalho. Os resultados revelaram que apenas 35% dos entrevistados praticavam alguma atividade física regular. Dentre as atividades citadas, em primeiro lugar estavam as caminhadas, em segundo lugar os bailes da terceira idade e a bicicleta apareceu em terceiro lugar na preferência dos idosos (Lisboa, op. cit., p. 98 e 100). O autor destacou que os bailes representam um espaço de ludicidade e de socialização que possibilita o conhecimento de outras pessoas e amplia o círculo de amizades, formando novos casais, já que muitos frequentadores são viúvos ou, principalmente, viúvas.

No que se refere às histórias de vida de trabalho, Lisboa analisou-as dividindo em três categorias: atividades rurais, atividades domésticas e atividades urbanas (op. cit. p.102), predominando as atividades domésticas em 60,7% dos entrevistados.

Referindo-se aos estudos de Neri (op. cit.), Luca (op. cit.) e Lisboa (op. cit.) é importante salientar que contribuem com a pesquisa aqui desenvolvida na medida em que demonstram a importância do trabalho com idosos e o quanto se tem a investigar sobre a velhice. Ainda, os resultados destes estudos podem ser úteis, porque esclarecem algumas questões também presentes nesta pesquisa, como a construção da identidade destes sujeitos, a forma como estão representados socialmente, a constituição da população idosa, a sua escolaridade e as atividades desenvolvidas no seu cotidiano.

Nesta perspectiva, esta pesquisa orienta-se pelas seguintes questões:

- a) Quais as práticas discursivas presentes no grupo de terceira idade?
- b) O que pode influenciar a participação nessas práticas?
- c) Quais as práticas e eventos de letramento característicos do grupo de idosos?
- d) Quais as relações que perpassam as práticas discursivas e a constituição dos sujeitos de terceira idade?

Com isso, explicita-se, na próxima seção os caminhos metodológicos deste estudo.

1.2. A trajetória metodológica da pesquisa

Esta seção refere-se ao delineamento metodológico, considerando-se os aspectos que caracterizam os caminhos traçados pela pesquisa, os sujeitos e os instrumentos utilizados na coleta dos dados. Trata-se de um estudo de natureza qualitativa e, nesta modalidade, o ambiente se torna a fonte dos dados, sendo necessário que o pesquisador esteja em contato com a situação investigada por tempo prolongado. Segundo André e Lüdke, na abordagem

qualitativa a “preocupação com o processo é muito maior do que com o produto”(1986, p. 12).

De forma a considerar a importância do processo, a metodologia adotada nesta pesquisa baseia-se nos estudos de Clandinin (1986). Essa autora realizou um estudo desenvolvendo uma conceitualização do conhecimento prático que os professores utilizam ao ensinar, investigando a experiência desses professores, cristalizadas em forma de imagens.

Trata-se de um estudo de caso realizado com duas professoras em que Clandinin aponta as diferenças existentes entre um pesquisador que não interfere no grupo ou no contexto pesquisado – *agent-free role*, que assume o papel de um agente livre; e outro pesquisador que tem uma postura subjetiva e bastante cuidadosa em relação aos participantes da pesquisa – *agent-central role*, o qual assume um papel de agente central e utiliza métodos que enfatizam os valores e propósitos tanto do pesquisador, quanto dos sujeitos. A autora, em seu estudo, assume esse papel de agente central, participando das aulas, dos planejamentos e das diversas situações que envolvem as duas professoras pesquisadas, bem como os alunos de cada uma delas (op. cit., p.12-13).

Da mesma forma que Clandinin (op. cit.), ao realizar este estudo eu também precisei inserir-me no contexto, participei periodicamente dos encontros e tornei-me familiar ao grupo de terceira idade. As contribuições de seu estudo para esta pesquisa estão justamente na forma como a autora aborda as implicações referentes a fazer parte de um contexto e perceber as relações que perpassam os sujeitos que dele fazem parte.

Além disso, Clandinin (op. cit.) realiza a interpretação dos dados a partir de observações e entrevistas. Tanto os instrumentos utilizados, quanto o movimento de interpretação desenvolvido pela autora são importantes para a pesquisa aqui desenvolvida

na medida em que se tornaram apropriados ao contexto a que se refere, ou seja, ao grupo de terceira idade.

1.3 O contexto investigado

Esta pesquisa foi desenvolvida no município de Ibirubá, localizado no estado do Rio Grande do Sul, mesoregião do noroeste rio-grandense, microregião de Cruz Alta. Segundo dados do IBGE, ano de 2005, a população é de 19.145 pessoas, formada por descendentes de alemães, italianos, lusos e outros. De acordo com o censo de 2001, o município possui 8.089 mulheres com 10 anos ou mais de idade e residentes, e 7.744 homens também com 10 anos ou mais de idade e residentes.

Ibirubá iniciou o trabalho com os idosos no ano de 1989, através de um projeto, organizado e desenvolvido pela Secretaria de Assistência Social, com dois grupos. Hoje, este município atende cerca de 800 idosos na Secretaria do Trabalho, Assistência Social e Habitação. Eles estão organizados em 15 grupos, dos quais, oito pertencem à zona urbana e sete à zona rural, sendo que, aproximadamente, 70% dos participantes são do sexo feminino. Os grupos são coordenados por duas funcionárias municipais, além de uma professora que oportuniza a realização de trabalhos manuais e outra que orienta as atividades físicas.

São consideradas aptas à participação no projeto as pessoas com idade igual ou superior a 60 anos, conforme lei 10.741/03, artigo primeiro⁴. Contudo, durante as

⁴ Lei Federal 10.741 de 1º de outubro de 2003 que institui, em seu artigo 1º, o Estatuto do idoso, destinado a regular os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a 60 anos. Essa mesma lei também

observações, percebi que, efetivamente, os integrantes dos grupos são pessoas com idade a partir dos 50 anos.

As atividades desenvolvem-se semanalmente nos grupos da zona urbana e mensalmente nos grupos da zona rural. Essas atividades variam entre brincadeiras e recreações, atividades físicas, jogos de bingo e trabalhos artesanais (pintura, bordado, crochê, tricô). Em todos os encontros, uma enfermeira faz monitoramento da pressão arterial, com registros feitos em cartões individuais.

Há atividades semanais, periodicamente, oferecidas para os grupos: nas segundas-feiras, oficina de dança; nas terças-feiras, aulas de canto; nas quartas-feiras reúnem-se, na sede da Assistência ao Idoso, localizada em um bairro da zona urbana do município, para os bailes, animados pela bandinha Viva a Vida. Nos finais de semana, participam de bailes nos municípios da região. O transporte utilizado é coletivo – ônibus, em sua maioria. Também acontecem, esporadicamente, passeios e excursões em comemoração às datas significativas.

Além disso, existe, no município um convênio com o SESI, que realiza um trabalho de alfabetização num período aproximado de seis meses. As aulas são ministradas duas vezes por semana e delas participam pessoas com idade entre 30 e 70 anos.

1.4 Os sujeitos da pesquisa

Esta pesquisa desenvolveu-se em um dos grupos de terceira idade do município mencionado. O referido grupo foi escolhido, primeiramente, por se localizar no centro

garante ao idoso todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, assegurando-lhe as oportunidades e facilidades, para preservação de sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade.

urbano e, também, porque os encontros aconteciam com periodicidade semanal. Somado a isso, o fato de seus integrantes terem aceito a inserção e participação de uma pesquisadora de idade diferente daquela comum aos seus participantes, determinou a sua escolha.

Ressalto, contudo que um olhar a todos os quinze grupos seria interessante para a pesquisa, exigindo um tempo maior de observação, inserção, confronto e análise dos dados, o que não é a proposta desta minha dissertação.

Os grupos de terceira idade, do município, são constituídos, em sua grande maioria, por mulheres. Os homens são presença ativa somente nos bailes, considerada como uma das atividades de lazer, disponibilizadas para os idosos. Observei que as mulheres estão em maior número e que muitas delas são viúvas, como Lisboa também referiu na sua pesquisa realizada em outro município (veja-se cap. 1.1).

Retomo este tema por considerar importante a reflexão sobre as estatísticas que demonstram ter a mulher uma sobrevivência maior do que o homem⁵. Este, ao ser representado socialmente como o responsável pelo sustento da família, ou como aquele que tinha a função de ser o provedor, com a aposentadoria perdeu seu objetivo de viver. A mulher, diferentemente, permaneceu em contínua atividade, pois quando deixou de exercer uma profissão fora do lar ao se aposentar, manteve-se produzindo, mesmo que para sua família. A velhice, para ela, não teve o significado de inutilidade como parece ter sido para o homem. Esta relação entre aposentadoria e improdutividade talvez possa

⁵ A socióloga, antropóloga e médica sanitária Maria Cecília Minayo, ao referir sobre a violência no Brasil, salienta que esta é a segunda maior causa de morte no país, sendo suas principais vítimas homens entre 15 e 25 anos. Ela afirma que a mortalidade masculina por causa da violência subiu 100% desde a década de 80 e é a primeira causa de morte entre jovens (disponível em <http://chagas.redefiocruz.fiocruz.br> e <http://www.desarme.org>, acesso em 25/05/2006). Segundo estes dados citados pela pesquisadora, é possível compreender porque muitos homens nem sequer chegam à velhice.

ser uma das causas da morte, na velhice, de mais homens do que mulheres. Esta proposição não é, de forma alguma, conclusiva, mas pode estimular alguns estudos mais profundos sobre o assunto.

Assim, as integrantes do grupo pesquisado são aproximadamente, quarenta mulheres, com idade que varia de cinquenta até mais de oitenta anos.

No grupo mencionado, após um período dedicado às observações, explicito que gostaria de realizar uma entrevista informal com àquelas integrantes que, espontaneamente, se dispusessem a participar. Esclareci que o objetivo era apenas registrar uma conversa a respeito das razões e propósitos quanto a sua participação no grupo de terceira idade (cf. anexo 1). Quatro participantes, livremente, se dispuseram e foi definida uma data para que a entrevista se realizasse na casa dessas pessoas. Assim se procedeu, com cada um dos sujeitos.

Cabe ressaltar que, no momento da realização de uma destas entrevistas, encontrava-se presente uma outra integrante do referido grupo que não havia se manifestado anteriormente como disposta a participar das entrevistas. Entretanto, nesta ocasião, mostrou-se bastante interessada em fazer parte da pesquisa, razão pela qual os sujeitos passaram a ser cinco.

Dessa forma, as entrevistas se realizaram e os sujeitos autorizaram o uso dos seus dados sem, no entanto, terem assinado nenhum documento. Compreenderam que estes seriam utilizados somente para a elaboração da dissertação e dos artigos científicos decorrentes, com a garantia de sigilo quanto a sua identidade e liberdade para continuar participando, ou não, da pesquisa.

Os sujeitos da pesquisa foram identificados pela letra inicial do seu nome e o perfil de cada um deles está descrito a seguir.

V., com 68 anos, participa no grupo de terceira idade desde que foi fundado no município. É analfabeta, escreve seu nome, faz cálculos mentais e recentemente passou a fazer parte de um grupo de alfabetização, pois está interessada em aprender a ler e a escrever. Trabalha como vendedora de uma empresa de cosméticos e seu filho a auxilia no preenchimento das planilhas com os pedidos dos produtos. É muito ativa e participa de várias atividades propostas no grupo. É separada do primeiro marido, mas atualmente tem um companheiro.

R., com 71 anos, é muito participativa. Faz parte de três grupos diferentes no município, além de ser presidente do clube de mães do seu bairro. Nos encontros do grupo de terceira idade, demonstra muita disposição, participando de todas as atividades propostas. Tem um interesse especial pelo coral destacando-o como um dos eventos que mais gosta. É viúva, mas atualmente tem um companheiro, com quem vive. É alfabetizada e não demonstra interesse, nem necessidade de voltar a estudar. Acha que isso é para quem não sabe ler e escrever e que ela já sabe o suficiente para viver bem.

N., com 65 anos, participa do grupo de terceira idade há doze anos. Primeiramente, foi monitora de um dos grupos que se reúne no município e, atualmente, é participante do grupo observado em diversas atividades, porém não costuma ir a bailes e tem preferência por trabalhos manuais. É alfabetizada e tem dúvidas sobre sua disposição em voltar a estudar. É viúva e vive com o filho mais novo, ainda solteiro, e com uma neta adolescente.

A. M., com 78 anos, é tia de N. e também sua vizinha. É viúva, vive sozinha e gosta muito dos bailes e dos trabalhos manuais. Esteve adoentada, mas mesmo assim não perdeu a disposição para participar dos encontros do grupo. A. M. tem uma participação na entrevista de N., pois chegou em sua casa, no momento em que esta se realizava, colaborando, desta forma, com algumas idéias.

O., 68 anos, é uma das participantes mais recentes do grupo: integrante há dois anos, aproximadamente. Após ter ficado viúva foi levada por uma amiga ao grupo e sente-se completamente realizada em estar participando. Não se imagina idosa, diz ter a imagem de seus 40 anos. É bastante participativa e demonstra disposição para todas as atividades, em especial na realização de trabalhos manuais. Não vai a bailes porque ainda não sente vontade. Possui o hábito de ler e pesquisou sobre a história de sua família, o que lhe permitiu construir a árvore genealógica, escrevendo desde a chegada de seus bisavós, vindos da Alemanha para o Brasil, até os dias de hoje.

O perfil dos sujeitos pode ser resumido no quadro 1:

Quadro 1:

**Perfil dos sujeitos entrevistados,
pertencentes a um grupo de Terceira Idade, Ibirubá, 2005**

Sujeitos	Idade	Escolaridade	Estado civil	Tempo de participação no grupo	Função que desempenha no grupo
V.	68	analfabeta	Separada (atualmente tem um companheiro)	Dezesseis anos	Participante

			ro)		
R.	71	Correspondente à quarta série	Viúva (atualmente tem um companheiro)	Dezesseis anos	Participante
N.	65	Correspondente à quarta série	Viúva	Doze anos	Participante
A. M.	78	Correspondente à primeira série	Viúva	Doze anos	Participante
O.	68	Correspondente à quarta série	Viúva	Dois anos	Participante

Fonte: Tolazzi, T. B. Pesquisa de campo. Dissertação Mestrado em Educação nas Ciências – UNIJUÍ, 2005.

1.5 Os instrumentos de coleta de dados

Os instrumentos utilizados para a coleta de dados constituíram-se de observações, dos relatos construídos sobre essas observações e de entrevistas abertas com os sujeitos, gravadas em áudio. Os relatos foram desenvolvidos a partir da participação nos encontros do grupo de terceira idade, por um período contínuo e significativo, de setembro de 2004 a julho de 2005. As entrevistas em áudio foram realizadas com base em um roteiro e foram desenvolvidas de forma aberta, ou seja, proporcionando espaço para outras discussões, bem como respeitando quando os sujeitos não demonstravam interesse em responder alguma questão.

Como a pesquisa efetivou-se num grupo do qual eu não fazia parte, considerei importante a minha presença e participação nas atividades deste grupo, a fim de que

pudesse observar as práticas discursivas presentes neste contexto, bem como conhecer melhor os sujeitos da pesquisa. Com essas observações pude produzir os relatos e coletar dados que se tornaram importantes e significativos para este estudo.

As gravações em áudio representaram uma forma mais específica de coletar os dados e inclusive de trabalhar com as participantes. Foram realizadas com quatro sujeitos – acrescentando-se a participação de um quinto sujeito – na casa de cada um deles. As entrevistas aconteceram em locais distintos do ambiente dos encontros do grupo, por ser mais calmo e tranquilo, facilitando a gravação e evitando interferências.

Na apresentação dos dados utilizei alguns símbolos como: () parênteses, afim de identificar trechos não significativos na construção de sentido; colchetes [...], que representaram vocábulos acrescentados para a construção de sentido; o sinal de adição entre parênteses (+) serviu para representar uma pausa; e as letras maiúsculas enfatizaram palavra ou expressões pronunciadas pelos sujeitos (cf. Marcuschi, 1986).

1.5.1 Observações e relatos

As observações realizaram-se no período de setembro de 2004 a julho de 2005. Segundo André e Lüdke (1986) “usada como o principal método de investigação ou associada a outras técnicas de coleta, a observação possibilita um contato pessoal e estreito do pesquisador como o fenômeno pesquisado (...)” (p. 26). Conforme as autoras

citadas, uma das vantagens desse contato seria permitir que o observador chegasse mais perto da perspectiva dos sujeitos. Esse foi um dos objetivos de minha inserção no grupo.

Como os encontros aconteciam semanalmente, as observações procuraram seguir a mesma frequência, com exceção dos meses em que se oportunizou atividades diferenciadas ou no período de férias que perdurou de meados de dezembro de 2004 a março de 2005.

Na medida em que eu participava do grupo, desenvolvia as observações através de relatos imediatamente posteriores aos encontros. Optei por essa forma de registro, pois considerei importante cada momento da inserção no grupo de terceira idade, desde aqueles em que eu era percebida com desconfiança pelos sujeitos, até a participação de forma mais efetiva.

Talvez o papel que desempenhei no grupo não tenha sido o de pesquisadora agente-central como Clandinin (1986) sugere, porque não sendo um sujeito de terceira idade jamais poderia compreender os fatos ou senti-los com a mesma intensidade que essas pessoas os vivenciam. No entanto, também não posso afirmar que desempenhei um papel de agente livre, que não interfere e que permaneci de fora, apenas como observadora. Caracterizo a forma como desenvolvi esta pesquisa como de uma agente participativa. Isso porque, apesar de não ser sujeito de terceira idade, busquei, continuamente, estar presente e participar das atividades realizadas pelo grupo.

No início estabeleceu-se um clima de desconfiança até porque as pessoas mais jovens não são bem-vindas em grupos de terceira idade. Para os idosos, aquele é um espaço destinado às pessoas de terceira idade e, portanto, os mais jovens deveriam procurar participar das atividades destinadas a sua faixa etária. Num segundo momento,

pensaram que se tratava de alguém que iria ministrar-lhes uma oficina e criaram expectativas a esse respeito. Com o passar do tempo foram se afeiçoando e demonstrando confiança, inclusive para contarem sua própria vida ou situações pelas quais estavam passando. Compreenderam que se tratava de uma pesquisa da qual faziam parte, apesar de não entenderem em que poderiam ajudar-me. Ao final, consideraram-me como membro do grupo, inclusive solicitando-me auxílio para a realização das atividades e fazendo convites para a participação em eventos e comemorações.

Portanto, esse envolvimento com o contexto da pesquisa e com os sujeitos aconteceu de fato, o que certamente foi significativo para a coleta e, provavelmente, para a análise dos dados. Os relatos também foram importantes, na medida em que trataram de situações esclarecedoras para a percepção das práticas discursivas e não-discursivas que permeiam este contexto, tais como: as participações em palestras, jogos de bingo, trabalhos manuais, grupos de dança, coral, orações, atividades físicas e recreativas. Estas práticas serão discutidas detalhadamente no Capítulo 3.

1.5.2 Entrevistas

As entrevistas basearam-se num roteiro pré-estabelecido e envolveram todos os sujeitos. Estas constituíram-se de três partes, procurando abranger a inserção dos sujeitos no grupo pesquisado e observado.

Na primeira parte da entrevista, busquei compreender como lidam com as situações que envolvem as práticas e os eventos de letramento. Procurei entender se, no grupo, em alguma ocasião, os sujeitos se envolvem com a leitura e a escrita. Ou seja, se os participantes do grupo de terceira idade fazem uso de situações de letramento em suas atividades. Também, procurei perceber se as práticas discursivas presentes no grupo diferem daquelas realizadas em outros domínios, como na vizinhança ou na família, e se existem diferenças entre a forma como as pessoas analfabetas e àquelas alfabetizadas se manifestam, expressam ou opinam no grupo quando da organização das atividades.

Na segunda parte deste instrumento, investiguei como se constrói a identidade do sujeito da terceira idade, de quais atividades tomam parte, como surge o interesse em ser integrante destes grupos, como se dá a sua participação e como este se coloca no grupo.

Na parte final da entrevista, procurei perceber que relações se constituem no contexto pesquisado. Qual o papel de cada sujeito no grupo, como as opiniões dos participantes são consideradas na tomada de decisões e se diferenças culturais, de cor ou de sexo influenciam em algum momento. Ainda, quais são os discursos que se estabelecem na sociedade atualmente, e que permeiam o grupo.

Algumas questões presentes no roteiro da entrevista não chegaram a ser discutidas com os sujeitos, pois esses não demonstraram interesse em conversar a respeito do assunto apresentado.

CAPÍTULO 2

CONSIDERAÇÕES SOBRE LETRAMENTO, IDENTIDADE E AS RELAÇÕES QUE PERPASSAM A CONSTRUÇÃO DOS SUJEITOS DA TERCEIRA IDADE

Este capítulo trata de conceitos visando estabelecer a base teórica adotada para que se possa melhor compreender o contexto já descrito, assim como os dados coletados. Na primeira seção, estão presentes algumas reflexões acerca do tema letramento, buscando abordar as implicações referentes a sua conceitualização. Na segunda seção, procura-se compreender as repercussões do letramento para determinados grupos e espaços sociais nos quais estão inseridos. Na terceira seção, trata-se de identidade como um conjunto de características que definem um sujeito individualmente ou um grupo social, a qual constitui-se a partir de uma representação. Esta seção, também, refere-se às relações de poder como forma de produzir práticas sociais, determinar os discursos, as subjetivações e, sobretudo, construir o próprio sujeito.

2.1 Letramento: em busca de significações

A palavra letramento é um termo que passou a ser mais utilizado na segunda metade da década de 1980. Surgiu para diferenciar os estudos referentes à alfabetização daqueles

que se preocupavam com os usos da escrita e da leitura em seus aspectos sociais. Este termo é a versão para o Português da palavra inglesa *literacy*, como coloca Soares:

Etimologicamente, a palavra *literacy* vem do latim *littera* (letra), com o auxílio do sufixo *-cy*, que denota qualidade, condição, estado, fato de ser (...) Ou seja: *literacy* é o estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e escrever. Implícita nesse conceito está a idéia de que a escrita traz conseqüências sociais, econômicas, cognitivas, lingüísticas, quer para o grupo social em que seja introduzida, quer para o indivíduo que aprenda a usá-la. (Soares, 2004, p.17)

Segundo Soares, o significado etimológico da palavra *literacy* subentende uma condição ou uma forma de ser para o sujeito que aprende a ler, a escrever e a lidar com essas capacidades, não apenas em contexto formal de ensino, mas, sobretudo em contexto informal, em virtude das exigências do cotidiano. Ainda, segundo esta autora, o conceito de letramento está relacionado às mudanças e às conseqüências que a aprendizagem da leitura e da escrita pode trazer, quer para o indivíduo que se envolve em práticas sociais de leitura e de escrita, quer para o grupo do qual ele faz parte.

Conforme Scribner e Cole (1981), citados por Kleiman (1995), define-se o letramento como "um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos" (p. 19). Ao ser definido como conjunto de práticas sociais é necessário esclarecer que o senso comum tem considerado o termo letramento como relacionado ao contexto formal de ensino e aprendizagem. Ressalto, no entanto, que este termo não se refere somente a esses contextos (Ensino Fundamental, Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos), mas, também, àqueles informais nos quais o foco não é o ensino e a aprendizagem, mas os usos da leitura e da escrita no meio social.

Portanto, utiliza-se a escrita e/ou a leitura no cotidiano, em atividades corriqueiras, às vezes sem que se dê conta: escrita de um bilhete, de uma lista de compras de supermercado, de uma carta a um amigo, leitura de uma bula de remédio, de uma receita de culinária, da identificação de um ônibus, de letreiros de lojas, marcas de produtos, atividades recreativas, dentre outras situações e contextos. Ao serem realizadas essas pequenas tarefas, desenvolvem-se práticas sociais. As pessoas não alfabetizadas, apesar de encontrarem mais dificuldade, também utilizam a leitura e a escrita no seu dia-a-dia, mesmo que com a ajuda de outras pessoas, pois convivem em um meio social em que, constantemente, é exigida a sua participação nessas práticas. Sobre essa questão, Street afirma:

a verdadeira natureza do letramento está relacionada às formas que as práticas de leitura e de escrita concretamente assumem em determinados contextos sociais, e isso depende fundamentalmente das instituições sociais que propõem e exigem estas práticas (apud. Soares, 2004, p. 75).

Até pouco tempo atrás, as habilidades de ler e de escrever estavam restritas aos termos alfabetizado e não-alfabetizado, ou seja, à aquisição ou não da leitura e da escrita. No entanto, passou a existir, recentemente, uma preocupação com os usos que se faz da escrita e a compreensão do que se lê. Tfouni (2000) estabelece a seguinte diferença entre esses termos:

A alfabetização refere-se à aquisição da escrita enquanto aprendizagem de habilidades para leitura, escrita, e as chamadas práticas de linguagem. (...) O letramento, por sua vez, focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição da escrita. (...) Procura estudar e descrever o que ocorre nas sociedades quando adotam um sistema de escritura de maneira restrita ou generalizada (...), centraliza-se no social (p. 09 e 10).

Kleiman (1995) enfatiza, sobretudo que “o conceito de letramento começou a ser usado nos meios acadêmicos numa tentativa de separar os estudos sobre o ‘impacto social da escrita’ (Kleiman, 1991) dos estudos sobre a alfabetização” (p.15). No entanto, apesar de estabelecida a diferença entre letramento e alfabetização, percebo que a definição do termo letramento envolve vários outros conceitos que tornam mais complexa a sua conceitualização. É necessário destacar ainda, que existe uma certa distinção entre pensar as práticas de letramento relacionada às instituições formais de educação, como a escola, e as práticas das demais instituições que estão presentes na sociedade. Estas diferenças se acentuam porque existem concepções distintas de letramento.

Pesquisando a literatura observei, em Kleimann (op. cit.), em Marcuschi (2001) e em Rottava (2002), que as questões relativas ao letramento apresentaram abordagens diferentes no decorrer dos anos, identificando-se assim, dois modelos de letramento: *o modelo autônomo e o modelo ideológico*. Nessas concepções de letramento estão envolvidas as relações entre oralidade, escrita e os usos sociais da língua, as quais se diferenciam conforme os interesses predominantes de cada época.

Segundo Street (1993, p.5, apud. Marcuschi, op. cit., p. 26), “os expoentes do modelo autônomo conceituavam o letramento em termos técnicos, tratando-o como independente do contexto social, uma variável autônoma cujas conseqüências para a sociedade e a cognição podem ser derivadas de seu caráter intrínseco”. Nesse modelo de letramento, a escrita se apresenta como autônoma ou completa em si mesma, suprema e distante da oralidade. As práticas de uso da escrita na escola, em sua maioria, estão

relacionadas ao modelo autônomo de letramento e preocupam-se com o desenvolvimento de habilidades individuais, na busca do sucesso e promoção individual.

A partir dos anos 80 surgem estudos que começam a criticar a visão dicotômica entre a escrita e a fala. Estes estudos sugerem uma relação *contínua* entre letramento e oralidade. Em contraposição ao *modelo autônomo*, Street sugere o *modelo ideológico* de letramento, pois a insatisfação de muitos autores conduziu-os à posição de:

Perceber as práticas de letramento como inextricavelmente ligadas às estruturas culturais e de poder na sociedade e reconhecer a variedade de práticas culturais associadas à leitura e à escrita nos diferentes contextos. Evitando a reificação do modelo autônomo, [esses autores] estudaram essas práticas sociais ao invés do letramento-em-si-mesmo por suas relações com outros aspectos da vida social (apud Marcuschi, op. cit. p. 27).

Desta forma, o *modelo ideológico* contempla a dimensão social do letramento, percebendo-o em suas relações culturais e também de poder, contextualizadas não somente no ambiente escolar, mas em diferentes universos socioculturais.

Isto remete ao fato de que ao se compreender o letramento como prática social presente em diferentes contextos, considera-se que existem múltiplos letramentos, ou seja, que a leitura e a escrita assumem papéis diferentes. Barton (1994, p. 11) sugere que existem diferentes letramentos associados a diversos domínios da vida. Os domínios são entendidos como a casa, a escola, o trabalho, a religião, o sindicato, o cinema, entre outros, sendo que estes podem interagir entre si e, por vezes, se sobrepõem, não existindo um limite claro entre eles.

Neste contexto de *modelo ideológico* emergem duas noções importantes: a de *eventos de letramento* e de *práticas de letramento*. Os *eventos de letramento* compreendem atividades particulares em que o letramento tem um papel, e, podem ser regularmente

repetidos. Já as *práticas* são maneiras culturais gerais de utilizar o letramento que as pessoas buscam dos *eventos de letramento* (cf. Barton, op. cit., p.36). Assim, posso sugerir que a escrita de um bilhete é um *evento de letramento*, mas a sua leitura e os comentários que se estabelecem a partir dela constituem-se uma *prática de letramento*.

Barton (op. cit.) menciona que as práticas envolvem valores, atitudes, sentimentos e relações sociais, sendo um processo social. O autor sugere, também, que as *práticas de letramento* são mais bem compreendidas na relação entre as pessoas, nos grupos e comunidades (p. 07-08). Desta forma, é importante entender porque Street mencionou que estas estão ligadas às estruturas culturais e de poder, pois, conforme Barton, são organizadas por instituições sociais e por relações de poder (op. cit., p. 08).

Cabe ressaltar, ainda, que os conceitos de letramento, de práticas e de eventos estão ligados ao conceito de práticas discursivas de letramento. Estas são compreendidas com base na relação que os sujeitos estabelecem com o contexto social a partir das situações em que, direta ou indiretamente, a leitura e a escrita estão envolvidas.

2.2 Para além do “letrado” ou “iletrado”: as vozes dos sujeitos

O letramento traz implicações bem maiores que as dificuldades acerca de uma definição. Isto porque se considera que a leitura e a escrita, longe de serem apenas habilidades a serem adquiridas, podem transformar o contexto em que se inserem trazendo conseqüências para os grupos que as utilizam. Principalmente a escrita que se tornou um meio de comunicação perpassado por relações de poder, o qual está intimamente relacionado com o sucesso e a aceitação social.

Mey (2001) sugere que os espaços sociais criam e são criados pelas *vozes* que neles atuam (p. 30). “Uma *voz* pressupõe um papel, um personagem; portanto, uma atividade, uma ação” (op. cit. p. 19), diz respeito aos sujeitos que estão presentes na sociedade, ou como explicitado pelo autor, aos ouvintes, aos falantes, aos espectadores, aos leitores, aos juízes, aos pesquisadores e outros. Os espaços sociais, segundo Mey, referem-se à *formação societal*⁶. Parafrazeando este autor, a *formação societal* é aquilo que os seres humanos podem promover, dadas certas condições temporais e espaciais, e no interior do quadro de natureza e cultura, história e visões que os cercam. A partir disso, é possível compreender que, os espaços e os contextos sociais, quer sejam eles institucionais ou comunitários, ao mesmo tempo em que produzem os sujeitos e suas *vozes*, também são constituídos por eles.

O referido autor coloca que nem sempre as *vozes* se expressam do mesmo modo ou nem sempre soam em uníssono. No mundo social, elas são dissonantes, nem todas têm o mesmo tom. Isso porque para uma *voz* ser ouvida na sociedade existem algumas qualificações a serem consideradas, dentre as quais o autor cita a habilidade de ler ou escrever (op. cit., p. 80-81).

Mey (op. cit.) pondera que saber ler e escrever tornou-se uma forma de ser reconhecido no meio social, ou seja, a *voz* ouvida é a *voz* do sujeito “letrado” e o letramento é a condição de admissão na sociedade. Atribuiu-se o poder de aceitação pelo mundo social à aquisição da leitura e da escrita e às instituições responsáveis pela sua aprendizagem.

Esse poder atribuído pela sociedade à escrita e à leitura fez com que muitos sujeitos considerassem que ler e escrever fossem sinônimos de inclusão social configurando-se

⁶ O autor difere *formação social* e *formação societal*. Para Mey a palavra *societal* diz respeito à sociedade; não se opondo, portanto, diretamente a *individual*. Sobre o tema ver Mey 2001, p. 27.

como habilidades decisivas para a sua participação no contexto em que vivem. Há, neste caso, um poder aparente e que se configura como opressor e dominante. O valor atribuído ao letramento está relacionado à aprendizagem formal, por meio da qual é possível distinguir-se os sujeitos que sabem dos que não sabem, “os letrados” dos “iletrados”. Entendo, nesta perspectiva, que o letramento está evidenciado em seu *modelo autônomo* (seção 2.1).

Signorini (1994) estudou a importância do letramento na visão de agricultores analfabetos, que se elegeram vereadores em seu município, e demais sujeitos semi-analfabetos, também representantes da câmara de vereadores, mas que se consideravam menos “analfabetos”⁷ do que os outros colegas. Em sua discussão, a autora trata da valorização excessiva da voz “letrada” por estes próprios sujeitos. O letramento, percebido apenas como aquisição das habilidades de leitura e de escrita, é considerado como imprescindível para que manifestem suas vozes e sejam ouvidos. A autora refere-se ao “mito do letramento”, segundo Street (1984) e Gee (1990), enfatizando que:

O ‘mito do letramento’ é constituído por um conjunto de crenças e representações de natureza ideológico-cultural inerentes ao processo de letramento do tipo valorizado na escola e reproduzidas pelas instituições de prestígio na sociedade burocrática, inclusive igrejas e sindicatos (Signorini, op. cit., p.21).

Nesta concepção, existe a crença de que o letramento é responsável pelo sucesso ou fracasso e pela exclusão ou inclusão dos sujeitos na sociedade, pois saber ou não ler e escrever pode ser determinante na sua atuação como cidadão, ou no acesso ao conhecimento.

⁷ Grifos da autora (Signorini, 1994, p.22).

Como se observa, a importância do letramento para os sujeitos investigados por Signorini (op. cit.) está relacionada a esta crença. No entanto, ao se considerar o letramento em sua dimensão social, compreende-se que está relacionado ao contexto em que os sujeitos estão inseridos.

No modelo ideológico (seção 2.1), o letramento entendido como prática social, também está permeado por relações de poder nos diferentes espaços sociais em que se apresenta. No entanto, configura-se como um poder capaz de produzir, de constituir sujeitos ou grupos sociais. Nesta concepção, tanto os alfabetizados como os não-alfabetizados fazem usos da leitura e da escrita e, portanto, podem ser considerados letrados. O que se considera importante não é o fato do sujeito ter adquirido ou não um código escrito, mas como este sujeito atende às exigências da sociedade e, utilizando-se da leitura e da escrita, torna-se capaz de mudar as relações e práticas sociais no contexto em que está inserido.

Nesta perspectiva, é possível observar que para alguns grupos sociais, ou sujeitos, o letramento caracteriza-se enquanto prática social que acontece no dia-a-dia, mesmo que esses sujeitos não sejam alfabetizados, ou não demonstrem interesse em serem considerados como tal.

O letramento e o valor ou a importância que se dá aos usos da leitura e da escrita relacionam-se com as atividades, os interesses ou as necessidades dos sujeitos nos contextos nos quais estão inseridos. Conforme Mey (op. cit.):

O letramento é também produto de uma participação ativa em determinada atividade social e produz uma certa disposição; o modo como alguém participa de certa atividade, e, conseqüentemente, a voz que alguém está apto a assumir,

contudo, dependem fortemente da maneira como o indivíduo está integrado às formações que são o alicerce dessas disposições (p.240).

Dessa forma, o autor sugere que o letramento é resultado da participação na própria sociedade. No entanto, não é o letramento que determina como os sujeitos são ouvidos no meio social e como participam das atividades no grupo do qual fazem parte, mas a sua interação com esse grupo é que pode influenciar e repercutir nos usos da leitura e da escrita num contexto social.

Posso inferir, portanto, que os próprios sujeitos, e suas próprias *vozes*, constroem os “mitos” e também os significados para o letramento, constituindo as relações que perpassam a leitura e a escrita e as conseqüências que podem trazer para os grupos que delas se apropriam.

Essa apropriação passa por agências de letramento. A escola é uma das principais agências, mas as *práticas* e os *eventos* por ela realizados são apenas um tipo de prática que desenvolve habilidades relacionadas à leitura e à escrita. Apesar de dominantes estas, no entanto, não são únicas e talvez, em sua maioria, pouco contemplem a dimensão social do letramento.

Estudos demonstram que existem outros agentes, além da escola, nos quais também se desenvolvem *práticas* e *eventos de letramento*: associação de bairros, igrejas, prisões, sindicatos, locais de trabalho, mídia. Hamilton (2000), Tusting (2000), Wilson (2000), Coutinho (2005), Signorini (1994), Galvão (2002), Magalhães (1995) e Ratto (1995) são alguns exemplos de estudos que evidenciam o letramento enquanto prática relacionada a um contexto social nas quais se fazem usos cotidianos da leitura e da escrita, mesmo que os sujeitos não sejam alfabetizados ou sejam considerados semi-alfabetizados.

Hamilton (2000) baseou-se na teoria do letramento como prática social conforme Street (1984), Gee (1992) e Barton e Hamilton (1998), investigando o papel dos dados visuais a fim de compreender essa concepção de letramento. Enfatizou, dessa forma, as relações sociais e as instituições nas quais os usos da leitura e da escrita estão inseridos. A autora analisou fotografias por considerar que são particularmente apropriadas para documentar aspectos do letramento e por serem capazes de captar os momentos pelos quais a interação em torno do texto acontece.

A pesquisa de Hamilton (2000) consistiu na análise de 400 fotografias a partir de quatro elementos considerados como ponto de partida: os participantes, os cenários, os instrumentos ou artefatos e as atividades. Hamilton classificou estas imagens em quatro tipos principais: interações entre “pessoas e textos”, “letramento no ambiente”, “escrita no corpo” e “reproduções de documentos”, demonstrando como um momento congelado no tempo pode ser captado pelo fotógrafo, revelando a natureza do letramento e a sua representação na mídia. A autora concluiu seu estudo evidenciando que o letramento é parte da prática social e que as fotografias fornecem uma ampla variedade de exemplos de *eventos de letramento* presentes na sociedade.

Tusting (2000), em seu estudo, deu indicações que podem ajudar a compreender o letramento, focalizando o tempo. Conforme a autora, o tempo é um elemento significativo que pode contribuir de maneira útil para a compreensão dos aspectos do letramento como prática socialmente situada (op. cit., p.35). Sua pesquisa investigou o contexto “igreja católica”, mostrando como os aspectos do tempo são inscritos nos *eventos de letramento* associados com a “primeira eucaristia” das crianças, e como *as práticas de letramento*, associadas ao folheto semanal da igreja, são usadas para sincronizar as atividades da comunidade, em diversos níveis. A autora concluiu mencionando que:

Uma análise das práticas em torno de folhetos paroquiais tem demonstrado que o letramento é usado em eventos sincronizados no tempo, a fim de realizar o objetivo social de manutenção da identidade comunitária tanto em nível local, sincronizando atividades da comunidade paroquial, e no nível global, através da disseminação do letramento pela voz institucional da Igreja Católica (op. cit. p. 50).

Outra pesquisa, desta vez de Wilson (2000), investigou o letramento em contexto de prisão estabelecendo três tópicos para a discussão: primeiro, que a prisão é uma entidade autônoma, mas é também um ambiente social e lugar de práticas comunicativas dentro de limites penais; segundo, apresenta duas noções de letramento – como autônomo, e como construto sociocultural – o que contribui para compreender as práticas comunicativas que estão inseridas dentro deste estabelecimento penal; terceiro, que as práticas socioculturais que lá se instalam constroem um “terceiro espaço”, ou seja, um discurso mais específico, mas que é culturalmente gerado, influenciado e sustentado na inter-relação destas noções de prisão e de letramento.

A autora indicou que é importante reconhecer a existência de um discurso externo ou da sociedade, de um discurso do estabelecimento penal e, ainda, de um discurso que não é nem do espaço exterior, nem do espaço da prisão, mas construído com elementos de ambos, denominado de “terceiro espaço”. Por fim, Wilson pontuou que esse “terceiro espaço” possui práticas de letramento específicas, mostrando como sua manutenção é essencial para a construção da identidade daqueles que vivem no contexto da prisão.

Coutinho (2005) analisou os *eventos e as práticas de letramento* de porteiros de condomínios residenciais em um bairro localizado numa das capitais nordestinas. A autora buscou indícios para caracterizar o perfil dos referidos sujeitos, analisou os níveis de letramento apresentados e as *práticas e os eventos* vivenciados por eles durante o trabalho. A pesquisa baseou-se na metodologia proposta pelo INAF (Indicador Nacional de

Analfabetismo Funcional), inovando ao vincular o nível de letramento e o grau de instrução às *práticas e eventos de letramento* que os sujeitos desenvolvem no contexto em que estão inseridos.

Os resultados da investigação explicitaram que os porteiros fazem usos da leitura e da escrita no seu ambiente de trabalho. Os *eventos* e as *práticas* presentes nesse contexto diversificaram-se na leitura de jornais (material a que mais têm acesso, pois 80% dos sujeitos afirmaram ler o jornal frequentemente), revistas, correspondências, cartazes e avisos, e na leitura e escrita de bilhetes, recados e anotações no livro de ocorrências, demonstrando que os sujeitos possuem pouca dificuldade em trabalhar com esses materiais.

Segundo Coutinho (op. cit.), verificou-se que os sujeitos apresentaram graus diferentes de escolarização e níveis distintos de letramento. No entanto, tornou-se evidente a impossibilidade de se afirmar que a conclusão de determinada série escolar pode corresponder a um certo nível de letramento, pois sujeitos com graus diferentes de instrução apresentaram os mesmos níveis de letramento. Neste sentido, sua pesquisa contribuiu para se estabelecer uma reflexão sobre a situação atual da educação, referindo que, no contexto brasileiro, a conclusão de determinadas séries não pode ser considerada um indicativo para se definir níveis de letramento.

Signorini (1994), no estudo, já citado anteriormente, com agricultores analfabetos e semi-alfabetizados do interior paraibano, verificou as implicações do “mito do letramento” para a reflexão desses sujeitos sobre sua própria condição no contexto pesquisado, pois o interesse da investigação estava em caracterizar o letramento como “uma forma de aculturação nem sempre compatível com um projeto emancipatório dos grupos marginalizados” (p.21). A fundamentação teórica buscou compreender o “mito do

letramento”, conforme Street (1984) e Gee (1990) e a base empírica constituiu-se de depoimentos gravados em áudio.

Os sujeitos investigados por Signorini, particularmente um sujeito semi-alfabetizado e líder rural (vereador), revelaram a necessidade de saber lidar com situações de letramento e “aperfeiçoar o português” para poder sobreviver e desempenhar a sua profissão, além da necessidade de reproduzir o comportamento do grupo urbano, alienando-se a ele especialmente no uso da linguagem.

Precisa-se levar em conta que mesmo os sujeitos que não são alfabetizados podem ser considerados letrados, pois fazem uso da leitura e da escrita em situações de oralidade. Deve-se aceitar que tanto pode haver características orais no discurso escrito quanto traços de escrita no discurso oral. Esta interpretação entre as duas modalidades inclui, portanto, entre os letrados, também os não-alfabetizados, e aquelas pessoas que são alfabetizadas, mas têm um baixo grau de escolaridade (Tfouni, 2000, p.42). Um exemplo é encontrado na pesquisa de Galvão (2002) cuja autora utilizou folhetos de Cordel das décadas de 30 e 40 do século XX, em Pernambuco, para mostrar que grupos tradicionalmente associados à oralidade estão imersos no letramento por meio de práticas orais de socialização do escrito e de aprendizagem não-escolar da cultura letrada.

O estudo de Galvão (op. cit.) baseou-se em resultados de uma pesquisa já concluída que teve como objetivo reconstruir o público leitor/ouvinte e as formas de ler/ouvir literatura de cordel. Em seu estudo a autora investigou quais as práticas que propiciam o contato com o escrito e o impresso e em que espaços elas acontecem.

Buscou compreender como se dá a relação entre a palavra escrita e os sujeitos analfabetos ou semi-alfabetizados, que estão comumente associados à oralidade.

Galvão (op. cit.) concluiu que a prática de leitura de folhetos ocorria em um espaço em que não se percebia hierarquizações entre o oral e o escrito. Ademais a esse resultado, observou que a leitura de folhetos de cordel contribuiu para que pessoas analfabetas ou semi-alfabetizadas pudessem vivenciar práticas de letramento presenciando situações em que se fazia usos da palavra escrita e impressa, mesmo que elas não estivessem relacionadas à aprendizagem formal.

Os estudos de Magalhães (1995) e Ratto (1995) também foram realizados com sujeitos analfabetos e investigaram situações de letramento em contexto de alfabetização de adultos e de militância política. Magalhães (op. cit.) estudou os traços lingüísticos textuais que contribuem para construir a identidade de mulheres no contexto de alfabetização de adultos e analisou a língua escrita em letreiros e placas nas ruas da vila Paranoá. O estudo baseou-se em conceitos da Análise Crítica do Discurso⁸. Metodologicamente, utilizou-se da etnografia crítica e os sujeitos pesquisados foram mulheres não alfabetizadas da vila Paranoá, Brasília, Distrito Federal.

As contribuições de Magalhães (op. cit.) evidenciam que “a escrita contribui para a constituição de práticas comerciais e políticas e para a construção das relações sociais e das identidades dos membros da comunidade” (op. cit., p. 231-232). Também, detectam uma mudança na prática discursiva de letramento, de acordo com a idade das mulheres

⁸ A Análise Crítica do Discurso (ACD) emergiu no final da década de 1980, fortalecendo-se no início de 1990 com estudiosos como Teun van Dijk, Norman Fairclough, Gunther Kress, Teo van Leeuwen e Ruth Wodak. A ACD concebe a linguagem como prática social e considera o contexto de uso da linguagem como um elemento crucial, tendo um interesse particular na relação entre linguagem e poder. (Wodak, Ruth. Do que trata a ACD – um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos. Revista Linguagem em (Dis)curso, v.4, n. especial, 2004).

investigadas: as mais jovens buscam a aprendizagem da leitura e da escrita para melhorar o fator profissional, já as de meia-idade, preocupam-se principalmente com a assinatura do nome e leitura de placas e letreiros.

Ratto (op.cit.) objetivou discutir, na perspectiva da Análise de Discurso⁹, o papel que as instituições desempenham no reforço do estigma do analfabeto adulto e tentou mostrar como a ação política, entendida como a militância de qualquer natureza, é crucial na aceleração do processo contínuo de letramento a que está submetido este sujeito. O resultado da pesquisa mostrou que não depende somente da escolarização o mérito do desenvolvimento de práticas descontextualizadas e de habilidades metacognitivas. A autora concluiu mencionando que:

a atitude política desse sujeito e a sua conseqüente atitude diante da linguagem parecem fundamentais ao desenvolvimento de uma perspectiva metalingüística, uma vez que a linguagem se torna um objeto de reflexão, configurando uma situação de abstração do objeto e de distanciamento do contexto imediato (Ratto, op. cit., p. 288).

A principal contribuição trazida pela autora é o fato de mostrar que o lugar ocupado pelo sujeito na sociedade e a forma como se relaciona com a linguagem estão determinados pela sua história. Além disso, que as formas como se dão as relações na sociedade letrada podem ocasionar atitudes diversas perante a linguagem, acelerando o desenvolvimento de práticas de letramento.

A partir das referências aos diversos estudos que destacaram a dimensão social do letramento é importante pontuar que a presente pesquisa, realizada em contexto de idosos,

⁹ A Análise do Discurso teve início na França, em fins da década de 1960, com Michel Pêcheux, seu principal articulador, e buscava combater o formalismo lingüístico vigente na época. Para a análise do discurso o que vai representar a diferença no sujeito é a sua marca discursiva, é o papel de intervenção da linguagem na perspectiva lingüística e histórica. (www.discurso.ufrgs.br, acesso em 09/02/2006).

também buscou enfatizar o letramento em sua dimensão social. Esses estudos que investigaram práticas discursivas de letramento em contextos sociais foram importantes para definir que a pesquisa aqui desenvolvida contemplasse o modelo ideológico de letramento por entender que contribui para o estudo das relações sociais e identidades dos sujeitos envolvidos no estudo. Também por se tratar de idosos, que estão inseridos num grupo da comunidade, esta dimensão possibilitou o estudo das práticas sociais, valores e necessidades inerentes ao uso da leitura e escrita neste contexto social.

2.3 Terceira Idade, entre representações e identidades: a construção dos sujeitos

A identidade é um conceito relevante para esta pesquisa porque permite investigar quais são as características do sujeito idoso, bem como perceber como a velhice está sendo representada nos grupos de terceira idade. Está relacionado ao conceito de representação (cf. Chartier, 1994 e Silva, 2003) e, inevitavelmente vinculado ao conceito de diferença, ou seja, para ser sujeito de terceira idade, tem-se que ser diferente de outros sujeitos.

Conforme se sugeriu anteriormente¹⁰, mudou-se o discurso da sociedade em relação às pessoas mais velhas. Tendo como veículos a mídia, as leis municipais, estaduais e federais, os grupos de idosos, os bailes, as palestras – que criaram e divulgaram novas estratégias e novas formas de ações relacionadas aos mais velhos – este discurso está construindo um novo sujeito: o sujeito da terceira idade.

¹⁰ Capítulo 1, seção 1.1.

Assim como a infância, que segundo Áries (1981)¹¹ não é uma categoria natural nem universal, mas uma construção sociocultural que emerge quando são dadas às crianças qualidades específicas e diferentes daquelas do mundo dos adultos, também a terceira idade é uma construção social. O idoso, atualmente está sendo representado numa nova identidade, ou seja, parece que o idoso está se reconhecendo neste novo discurso presente no meio social e está consentindo com a representação de uma nova velhice.

Por representação compreendo, nesta pesquisa, as marcas capazes de constituir o sujeito e de construir uma realidade. Segundo Silva (2003), a representação é uma marca material, um traço, uma inscrição, um processo e um produto. Portanto, a representação só adquire sentido ao inserir-se numa cadeia diferencial de significantes. Ela está estreitamente ligada aos discursos presentes no meio social, pois os significados que os discursos assumem socialmente determinam a construção de identidades e diferenças entre, por exemplo, o branco e o negro, o “velho” e o “jovem idoso”¹².

Chartier (1994), ao tratar sobre a representação, sugere que este conceito permite designar e ligar três realidades maiores:

primeiro, as representações coletivas que incorporam nos indivíduos as divisões do mundo social e estruturam os esquemas de percepção e de apreciação a partir dos quais estes classificam, julgam e agem; em seguida, as formas de exibição do ser social ou do poder político tais como as revelam signos e ‘performances’ simbólicas através da imagem, do rito ou daquilo que Weber chamava de ‘estilização da vida’; finalmente, a ‘presentificação’ em um representante (individual ou coletivo, concreto ou abstrato) de uma identidade ou de um poder, dotado assim, de continuidade e estabilidade. (1994, p. 108)

¹¹ Sobre infância veja-se Áries, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

¹² As expressões destacadas referem-se à poesia que serviu de epígrafe no início desta dissertação.

Na primeira realidade mencionada, o autor destaca que a representação coletiva de um sujeito faz com que este seja percebido socialmente: o que pensa, como age, do que gosta. E é a partir destas representações que se classifica ou se julga um sujeito, por exemplo, como sendo velho, jovem, mulher, homem, negro, branco ou índio. Na segunda realidade, Chartier menciona que a representação também pode ser uma forma de significar um sujeito e marcá-lo simbolicamente, através de uma imagem. Por fim, na terceira, o autor enfatiza que a identidade é construída na representação, mantendo-se estável ou permanecendo no contexto social.

Refletindo sobre a afirmação de Chartier (op. cit.), pressuponho que é na e pela forma como são representados – por meio das práticas sociais, discursivas e não-discursivas – que se constroem identidades e também que os sujeitos são constituídos, quer individualmente, quer como grupos sociais.

Cabe ressaltar que a identidade construída por um determinado grupo estabelece uma relação com aquela que lhe é diferente. Assim, a significação de um grupo social está interligada àquilo que este grupo não é ou não quer ser. Segundo Silva:

A identidade cultural ou social é o conjunto daquelas características pelas quais os grupos sociais se definem como grupos: aquilo que eles são. Aquilo que eles são, entretanto, é inseparável daquilo que eles não são, daquelas características que os fazem diferentes de outros grupos. Identidade e diferença são, pois processos inseparáveis (...) (2003, p.46).

Conforme posso perceber, ao se constituir uma identidade, simultaneamente, está se constituindo a diferença. Dessa forma, compreendo a existência dos diferentes grupos ou das diversas identidades culturais e sociais, presentes na sociedade, como: negros e brancos, homens e mulheres, ricos e pobres, jovens e velhos. São as representações

coletivas incorporando nos sujeitos as divisões do mundo social, como pontua Chartier (op. cit.).

Essas representações coletivas foram, no entanto, discursivamente aceitas, por isso constituíram-se identidades. Assim sugere Chartier ao mencionar que “a construção da identidade feminina tem-se enraizado na interiorização pelas mulheres das normas enunciadas pelos discursos masculinos” (op. cit., p. 108). Isto se dá, pois o homem, para definir sua identidade, precisa distingui-la daquela assumida pelas mulheres, e que as define, portanto, como diferentes deles. Essa distinção acontece por meio de um discurso, de uma representação, que constrói a mulher como sendo frágil, submissa e inferior ao homem. E o autor continua sugerindo que “as representações da inferioridade feminina, incansavelmente repetidas e mostradas, se inscrevem nos pensamentos e nos corpos de homens e mulheres” (op. cit., p.109), ou seja, a mulher consente com este discurso e assume esta identidade, reconhecendo-se como tal.

Nesta perspectiva, é possível perceber que a representação se naturaliza, ou seja, as mulheres conformam-se e familiarizam-se com a representação imposta pelos discursos masculinos, naturalizando-a e tornando-a realidade.

O mesmo que acontece com as mulheres, no exemplo de Chartier – cuja identidade constrói-se a partir da representação – ocorre com outros grupos sociais, pois conforme Silva, “a identidade e a diferença são construídas na e pela representação: não existem fora dela” (2003, p. 47). Dessa forma, posso inferir que a identidade de um grupo ou mesmo de um sujeito somente se constituiu porque, antes disso, foi significada e produzida por meio da representação.

No entanto, Silva (op. cit), ao tratar da representação, enfatiza que esta não é apenas um registro ou uma expressão de significados que são aceitos passivamente, mas que está perpassada por relações de poder:

Os diferentes grupos sociais utilizam a representação para forjar a sua identidade e as identidades dos outros grupos sociais. Por meio da representação travam-se batalhas decisivas de criação e de imposição de significados particulares: esse é um campo atravessado por relações de poder (...) (p.47)

Pensar representação, identidade e diferença é considerar-se o que Foucault já mencionara: “uma sociedade ‘sem relações de poder’ só pode ser uma abstração” (1995, p. 246).

É na sociedade, portanto, que se dão as relações de gênero, de raça, de classe social, de sexualidade. Estas, por sua vez, se constituem a partir de identidades impostas ou “tecidas” pelas representações e que são definidas como dominantes e como subordinadas, ou desvios da normalidade (cf. Silva, 2003) reforçando as relações de poder presentes no meio social.

Conforme Foucault, “aquilo que define uma relação de poder é um modo de ação que não age direta e imediatamente sobre os outros, mas que age sobre sua própria ação” (1995, p. 243). Não se trata apenas de um poder que se impõe institucionalmente, ou de uns sobre os outros, mas daquelas relações capazes de produzir sujeitos, realidades e rituais da verdade¹³. O sujeito, portanto, neste rol de discursos, representações, identidades e relações de poder constrói-se socialmente seja como criança, adolescente, homem, mulher, ou idoso.

Nesta perspectiva, vejo, nos dias de hoje, que a velhice está sendo percebida de uma forma diferente. Na televisão, nos jornais, nas revistas, nos folhetos de propaganda, nas

¹³ Veja-se Foucault (1987, p. 161 e 1995, p. 240).

igrejas, nas políticas públicas, nas leis municipais, estaduais e federais, o discurso apresentado compreende uma nova forma de falar, de pensar e, ainda, de enxergar os mais velhos.

São discursos veiculados com o objetivo de transformar a representação que se tinha do velho, estimulando estas pessoas a cuidarem da sua saúde, do seu corpo e também do seu lazer. Preocupam-se em manter o idoso informado sobre os seus direitos e mobilizam-no a participar de grupos de terceira idade, grupos de atividades físicas e, ainda, grupos de ajuda a hipertensos, diabéticos e outros. Também, trazem opções de consumo, tornando os mais velhos alvos de um novo mercado consumidor.

É possível sugerir que esta construção discursiva constituiu um novo idoso, ou seja, um novo sujeito que deixou de estar representado no “velho” cansado, saudoso, triste, sozinho, que desistiu de viver, para ser a representação do “jovem idoso”¹⁴ que sorri, canta, dança, viaja, ama, faz planos e participa ativamente de grupos de atividades sociais e culturais.

Foucault, ao tratar sobre a constituição dos sujeitos, menciona:

No curso de sua história, os homens jamais cessaram de se construir, isto é, de deslocar continuamente sua subjetividade, de se constituir numa série infinita e múltipla de subjetividades diferentes, que jamais terão fim e que não nos colocam jamais diante de alguma coisa que seria o homem (apud. Revel, 2005, p.85).

Assim sendo, se o idoso tem, hoje, uma nova identidade é porque foi construído socialmente. E, entre relações de discursos, de representações e de identidades toda a rede

¹⁴ A expressão “jovem idoso” foi “roubada” da poesia “A diferença entre o velho e o jovem idoso” sendo utilizada, neste caso, para representar uma nova forma de envelhecer.

social se depara, neste início de século, com um “jovem idoso” que, por certo, viverá mais feliz, saudável e por mais tempo. É possível afirmar, então, que as pessoas mais velhas deixaram de ser “velhas” ou “idosas” para se transformarem num outro sujeito, ou seja, para serem a “*terceira idade*”.

CAPÍTULO 3

INSERÇÃO NO GRUPO DE TERCEIRA IDADE

Este capítulo tem como objetivo trazer os dados do grupo de terceira idade e analisá-los visando a uma caracterização das práticas discursivas e não-discursivas presentes no contexto pesquisado. Também, busca perceber como os sujeitos se inserem nessas práticas.

O capítulo está organizado em quatro seções: a primeira trata das práticas recorrentes no grupo; a segunda refere-se às situações de letramento presentes nas atividades cotidianas dos idosos; a terceira destina-se ao tema identidade e a quarta seção aborda as relações que se estabelecem entre os sujeitos e as *vozes* que soam no grupo de terceira idade.

3.1 Algumas práticas discursivas e não-discursivas do grupo de idosos

Esta seção refere-se às práticas discursivas e não-discursivas observadas no grupo investigado e descritas a partir de relatos dos eventos desenvolvidos. Compreendem uma

visão geral do que acontece e constituem-se de eventos que envolvem jogo do bingo, palestras, grupo de cantos, roda de chimarrão e grupo de danças.

3.1.1 Jogo do Bingo¹⁵

O jogo de bingo é um evento realizado com prazer pelas participantes do grupo. Acontece quinzenalmente e a maior parte das pessoas participa da brincadeira. Aquelas que optam por não jogar não podem “atrapalhar” o evento conversando alto ou rindo. Devem manter uma postura de respeito falando baixo e permitindo que todas escutem o número “cantado” durante o jogo, do contrário são alertadas pelas colegas.

A brincadeira assume um tom mais formal quando as participantes exigem que a cartela seja conferida pela coordenadora após alguém concluir o jogo, e quando, depois de várias jogadas sem que um determinado número apareça, pedem à coordenadora que confira se realmente a “pedra” com o referido número está presente no jogo.

É comum fazerem analogias com os números sorteados, o que dá um tom alegre e divertido à brincadeira: 51, uma boa idéia, 22 dois patinhos na lagoa, 90 é o vovô, B12 é vitamina, 13 o azarão; e outras.

Mesmo aquelas que não reconhecem os números e que têm dificuldades de audição ou visão participam da brincadeira, sendo auxiliadas pelas colegas. Como se pode observar no exemplo a seguir, em que a senhora V., que tem dificuldades de audição, pergunta para as colegas o número que está sendo “cantado”:

¹⁵ Jogo de bingo é aquele em que se sorteiam ao acaso números de 1 a 90, mediante sucessivas extrações, até que um ou mais concorrentes atinjam o objetivo previamente determinado, podendo ser realizado nas modalidades do jogo de bingo permanente e jogo de bingo eventual. (Decreto Federal número 3.659, de 14 de novembro de 2000, art. 2).

(01)

V- É 28 ou 18?

N- É 18, dona V..

V- 53 ou 56?

V- 64?

N- É, 64.

V- Não é 74?

Pelo exemplo, percebi que nessas práticas há uma preponderância para que a colaboração seja aceita pelos participantes do grupo, possibilitando que, apesar de certas dificuldades, todos possam integrar-se de alguma forma aos eventos. Em determinados momentos, no entanto, o fato de algumas colegas perguntarem insistentemente durante o jogo, confunde as demais pessoas que logo solicitam para que fiquem em silêncio.

As premiações do bingo são trazidas pelas próprias participantes, tornando-se uma motivação para tomar parte e até mesmo vencer o jogo. No entanto, num encontro, como algumas pessoas não estavam trazendo os prêmios, a coordenadora lembrou-lhes que seria necessário trazê-los se quisessem participar, pois desta forma poderiam dar continuidade à brincadeira.

Ressalto que, embora não tivesse mencionado, a coordenadora não descartou a possibilidade de que estes pudessem ser confeccionados por elas mesmas, tais como toalhas, guardanapos, ou até mesmo produtos cultivados na horta do quintal (verduras, legumes ou frutas).

Entretanto, dona L., uma integrante do grupo, compreendeu que ao se falar em premiação, esta poderia ser apenas algo que fosse “comprado”, manifestando-se dizendo:

(02)

L- Não é justo, eu não posso comprá o prêmio, a aposentadoria não dá pra nada e não tenho dinheiro.

Este fato demonstra a representação que se tem de prêmio, ou seja, de que ele é algo comprado e, portanto, diferente daquilo que se costuma ter em casa. Ademais, pode-se inferir que em se tratando de algo que é comprado tem mais valor daquilo que é confeccionado pelas próprias pessoas, ou, ainda, que trazer alguma coisa de casa pode revelar inferioridade, causar estranhamento e até mesmo vergonha.

Apesar da intervenção feita por dona L., ninguém mais se manifestou e houve um momento de silêncio que só foi interrompido quando foram convidadas para a oração.

Talvez, se dona L. considerasse outras possibilidades de conseguir o prêmio ela teria encontrado uma solução para continuar participando da brincadeira. No entanto, como não percebeu outra maneira de resolver o problema, demonstrou resistência ao que foi imposto pela coordenadora protestando e tentando justificar a sua situação, como se viu no exemplo (2).

Nos encontros que se seguiram as participantes, em sua maioria, trouxeram os prêmios para o jogo. Algumas pessoas até mesmo doaram prêmios àquelas que não haviam trazido, a fim de que todas pudessem integrar-se à brincadeira. O pedido da coordenadora foi atendido, o que revela uma preocupação por parte das participantes em seguir as regras estabelecidas para o grupo.

Ao tratar sobre resistência, Foucault (1988, p. 91) ressalta que ela é inseparável das relações de poder que se estabelecem na sociedade. Segundo o autor, “as relações de poder suscitam necessariamente, apela a cada instante, abrem a possibilidade a uma resistência(...)” (2003,p.232). Entendo, dessa forma, que o protesto de dona L. (exemplo 2)

configurou-se como uma resistência ao discurso da coordenadora, o que, no entanto, não possibilitou mudanças em relação ao que tinha sido determinado, mas permitiu uma reflexão por parte das participantes do grupo resultando na solidariedade entre elas.

3.1.2 Palestras

Durante a realização das observações aconteceram duas palestras nos encontros do grupo: uma com uma psicóloga e outra com uma nutricionista da Secretaria de Assistência Social. Nos dois momentos, o grupo demonstrou interesse pelo assunto discutido e permaneceu atento às informações. Todos foram convidados a participar e a intervir quando achassem necessários.

A psicóloga tratou sobre a função da psicologia: estudar a mente. Disse que o(a) psicólogo(a) trabalha com dores que não são aparentes ou palpáveis e mencionou que para tratar essa dor utiliza-se da fala, da linguagem, pois falando sobre sua dor a pessoa pode sentir-se melhor e curar-se. Disse que, algumas vezes, outras pessoas podem fazer o mesmo trabalho do psicólogo: o padre, o pastor, os amigos. Em relação ao que foi abordado, dona M. entrevistou, mencionando que assistiu a uma reportagem de televisão, sobre o salão de beleza, como se observa no exemplo:

(03)

“Assisti uma reportagem que falava que as pessoas precisam conversá, era sobre o salão de beleza. Dizia que ir no salão de beleza e falá de seus problemas é o mesmo que ir no psicólogo”.

A psicóloga ressaltou que se a pessoa não consegue falar de sua dor pode sofrer de depressão. Sugeriu que os grupos de terceira idade poderiam ser um momento de conversar sobre os sentimentos, as tristezas e as alegrias, evitando que as pessoas ficassem sozinhas e que se tornassem deprimidas.

Nesse sentido, dona O. manifestou-se dizendo:

(04)

O grupo de terceira idade é muito bom para os idosos. Porque os filhos não se tiram o tempo de conversar com os pais e num lugar assim eles conversam, os idosos passam o tempo. Todo mundo trabalha, isso eu vejo dos meus filhos né. Eles todos trabalham, os quatro: um filho com a nora, a filha com o genro. Tudo trabalham e eles não têm tempo pra sentá com a vó.

Assim como a psicóloga, uma nutricionista também palestrou ao grupo. Inicialmente, mencionou que a média de vida dos brasileiros tem aumentado e que se está vivendo por mais tempo, conseqüentemente a população idosa tornou-se mais numerosa. Destacou, no entanto, que não basta apenas viver por mais tempo, mas que o importante é viver bem e com qualidade. Para isso, deve-se, segundo ela, evitar a obesidade, a hipertensão arterial, a diabetes e a osteoporose. Sugeriu que a alimentação correta é um dos fatores que contribui para melhorar a qualidade de vida. Insistiu que basicamente pode-se comer de tudo, mas moderadamente. Todos ouviram atentos e tiraram algumas dúvidas, em intervenções tais como a ilustrada no exemplo que segue:

(05)

E- A gente pode tomar chimarrão em vez de água?

M- A carne de porco faz mal à saúde?

V- Dá pra cozinhar com banha de porco ou é melhor usar óleo vegetal?

Percebi que as intervenções e os questionamentos ilustrados nos exemplos (03), (04) e (05), respectivamente, estão relacionados a sua vida cotidiana, às ações e ao contexto em que vivem os idosos. Algumas pessoas demonstraram que estão atentas aos discursos presentes na mídia, por exemplo, àqueles veiculados pela televisão. Outras, no entanto, deixaram evidentes as preocupações presentes no seu dia-a-dia, buscando informações para esclarecer algumas dúvidas.

Com relação aos discursos da mídia, observei que as concepções sobre envelhecimento que perpassam programas de televisão, de rádio, ou reportagens e artigos de jornais e revistas estão presentes no grupo de idosos, influenciando na forma de pensar e agir dos sujeitos. As palestras, por sua vez, demonstraram estar em consonância com o que estes discursos expõem, inclusive se confirmando o que Neri (2003) revelou a partir de seu estudo, ou seja, que a responsabilidade pela velhice saudável é de cada um, individualmente. Isso é observável quando a nutricionista fez referência à necessidade de uma alimentação correta para se evitar a obesidade, a osteoporose, o diabetes e a hipertensão arterial.

Compreendi, portanto, que estes discursos influenciam na construção social destes sujeitos, bem como nas suas concepções de velhice e de envelhecimento.

3.1.3 Grupo de Cantos

O grupo de cantos ou o coral reúne-se às terças-feiras, pela manhã, mas nem todos os integrantes do grupo participam. Isso acontece porque dentre as atividades que são disponibilizadas para os idosos, eles têm liberdade de escolher àquelas com as quais se identificam ou que mais gostam. Como foi observado anteriormente, os homens costumam participar apenas dos bailes, portanto, o coral é formado apenas por mulheres.

As canções interpretadas pelo grupo possuem temáticas variadas e a maior parte está relacionada com a terceira idade. Como, por exemplo, a canção transcrita abaixo:

Canção: “Salve a Terceira Idade”
Letra e música: Bruno Neher

Nós já fomos crianças e jovens
hoje estamos na terceira idade,
mas a vida pra nós continua
cheia de felicidade.

Temos fé, temos vitalidade,
Temos Deus que não nos deixa a sós.
A alegria, o amor e a esperança
Mostram o jovem que existe em nós.

Salve a terceira idade, salve a terceira idade,
Vejam que turma legal, hei!
Vejam que alto astral, hei!
Viva a terceira idade!

O repertório é escolhido pelo professor regente, e as canções recebidas com aprovação caracterizam-se por falarem da terceira idade como um momento de alegria e de maturidade. Algumas falam de amizade, da vida, da união e, ainda, algumas canções são hinos religiosos. As pessoas integrantes do coral demonstram convicção e crença naquilo que as palavras dizem. Por sua vez, o discurso presente nas letras dos cantos revela um idoso de alto astral, feliz e revigorado, contribuindo para a constituição da identidade destes sujeitos.

O coral também possibilita às participantes a integração com outros idosos no município. Costumam cantar no lar dos idosos e, às vezes, fazem visitas a alguns doentes em suas residências, ou no hospital. Dentre as atividades realizadas pelo grupo está um café, oferecido por ocasião do aniversário de cada participante, considerado um momento de confraternização.

Todas parecem ter um carinho especial pelo grupo e também pelo regente, apenas lamentam que não tenha nenhum homem participando. Segundo elas, o coral ficaria mais bonito com a presença de algumas vozes masculinas.

Em relação à participação masculina nas atividades, percebi, no contexto investigado que, assim como no estudo de Lisboa (op. cit), as mulheres são em maior número do que os homens. Como elas têm uma sobrevivência maior compreende-se também o fato de muitas delas serem viúvas. No entanto, isso não explica a ausência de homens no coral ou nos grupos de trabalho. Observei que nos bailes eles se fazem presentes, mas nos demais eventos não são encontrados.

A forma como os homens participam ou não do grupo de terceira idade pode provocar uma reflexão a propósito da questão de gênero. A autora Joan Scott, ao tratar sobre o tema, pontua:

Por gênero me refiro ao discurso da diferença dos sexos. Ele não se relaciona simplesmente às idéias, mas também às instituições, às estruturas, às práticas cotidianas como aos rituais, e tudo o que constitui as relações sociais. O discurso é o instrumento de entrada na ordem do mundo, mesmo não sendo anterior à organização social, é dela inseparável. Segue-se, então, que o gênero é a organização social da diferença sexual. Ele não reflete a realidade biológica primeira, mas ele constrói o sentido desta realidade. A diferença sexual não é a causa originária da qual a organização social poderia derivar; ela é antes, uma estrutura social móvel que deve ser analisada nos seus diferentes contextos históricos (1998, p. 15).

Conforme Scott (op. cit.) a diferença dos sexos constitui-se por meio de um discurso. Este discurso, presente em toda a sociedade, nas instituições, nas práticas sociais, no relacionamento entre as pessoas, constrói a representação de homem e de mulher que se tem num determinado contexto histórico. É esta representação, por sua vez, que constitui os papéis destinados a cada um no meio em que vivem, bem como as diferenças sexuais entre eles. O fato dos homens se ausentarem dos eventos do grupo de terceira idade pode estar relacionado ao papel que a sociedade reservou e ainda reserva a eles, principalmente ao se considerar que os idosos de hoje foram educados numa sociedade bastante tradicional em que os homens trabalhavam fora e eram os provedores do lar, mas não ajudavam nas tarefas de casa. Estas eram atividades femininas. Talvez eles compreendam que alguns dos eventos do grupo de terceira idade também sejam característicos das mulheres e, por isso, não se sentem à vontade para participar.

O tema gênero¹⁶ emerge na pesquisa e, portanto, foi necessário trazê-lo para uma reflexão. Pela sua amplitude, não será aprofundado neste estudo, no entanto, será uma sugestão para futuras investigações.

3.1.4 Roda de chimarrão

A roda de chimarrão acontece no início de cada encontro enquanto as participantes do grupo aguardam que a enfermeira verifique a pressão arterial de todas as pessoas presentes.

É nesse momento que a conversa fica animada. Algumas trazem seus trabalhos manuais e mostram para as colegas, trocando sugestões de pontos de tricô, crochê ou

¹⁶ Sobre gênero ver mais em Scott (1991, 1998, 2002), Colling (2000) e Perrot (2005).

bordados diferentes. Até mesmo são realizadas algumas vendas de produtos confeccionados por elas, como: blusas de crochê, panos de prato, bolsas de fuxico e outros.

Os assuntos desse evento são de natureza variada, incluindo desde algum fato que tenha movimentado o baile da semana, o comportamento de alguns membros do grupo, a própria saúde, um passeio realizado, ou acontecimentos da comunidade e do município.

Percebi também comentários e críticas a algumas ações de integrantes do grupo, como foi o caso trazido por uma das participantes sobre a higiene pessoal de alguém que estaria com odores desagradáveis. Discutiram sobre o fato afirmando que mesmo não tendo dinheiro para comprar roupas novas, a limpeza é muito importante. Dona L. disse:

(06)

Minhas roupa são velha e não tenho dinheiro, mas eu tô sempre bem limpa.

A coordenadora, que estava atenta à conversa, sugeriu que uma das integrantes do grupo, que tivesse acesso à pessoa em questão, conversasse com ela, lembrando que a higiene do corpo está relacionada a sua saúde.

Essas práticas discursivas referidas acima indicam que, não apenas nas palestras acontecem situações que estão destinadas a informar e a esclarecer as participantes do grupo sobre assuntos relacionados à saúde, mas também situações informais ocorridas na roda de chimarrão contribuem para que estas possam estar mais informadas e atentas para a saúde de seu corpo.

Na roda de chimarrão, as participantes são comunicadas sobre assuntos diversos e sobre algumas decisões tomadas pela coordenação do grupo. Num dos encontros, a

coordenadora comunicou que algumas pessoas estariam desgostosas com a presença de quem não é da terceira idade durante os bailes realizados às quartas-feiras. Segundo ela:

(07)

Coordenadora- Algumas pessoas reclamaram que a presença de crianças e pessoas que não fazem parte do nosso grupo nos bailinhos traria problema, porque aumenta muito o número de pessoas e o espaço do salão não é grande. E as crianças tão atrapalhando porque correm na pista de dança.

A partir das reclamações, a coordenadora informou a decisão de que não seria permitida a entrada de pessoas que não participam dos grupos de terceira idade ou, ainda, de crianças, mesmo que fossem netos de participantes.

Poder-se-ia pensar, a partir do exemplo acima, que o fato de os participantes do grupo de terceira idade não permitirem a presença de pessoas mais jovens e de crianças nos bailes, estaria relacionado mesmo ao espaço do salão ou à correria das crianças. No entanto, pareceu-me que subjacentes a essa justificativa poder-se-ia estar diante de algumas questões: uma que se refere à representação do sujeito de terceira idade e destes grupos de pessoas, o que, certamente, não condiz com a presença de sujeitos de meia-idade ou jovens e crianças; outra que está relacionada à presença de mulheres mais jovens, fato que viria aumentar a concorrência na busca por parceiros, que por sua vez estão em menor número. O tema gênero surge novamente, pois pude perceber no discurso da diferença de sexos que a mulher está representada como uma rival que disputa com a outra o seu parceiro. Desse modo, entendo que essa é uma possível causa de pessoas mais jovens serem impedidas de participar dos bailes de terceira idade.

Outra questão a destacar é que a roda de chimarrão propicia a integração entre as pessoas, configurando-se como uma forma de se conhecerem melhor e firmarem amizades.

Entretanto, nem sempre este momento é de integração, pois observei que, em determinadas ocasiões, algumas pessoas são, de certa forma, excluídas do grupo, ou por suas ações ou por se definirem contrárias àquelas características que constituem os idosos, atualmente, na sociedade. Um exemplo ilustrativo é o que vem acontecendo com a dona L. que é uma pessoa que está sendo “evitada” na hora da conversa. Como reclama muito e está constantemente se queixando da vida, destoa do grupo, que procura ser animado e de alto astral. Algumas pessoas evitam conversar com ela e aquelas que ainda conversam procuram lhe aconselhar para que possa pensar de forma positiva e viver com mais disposição.

Percebi que a identidade dos sujeitos que participam do grupo está representada conforme um conjunto de características pelas quais os sujeitos se definem como sendo da terceira idade. Aqueles que não se identificam com essas características, não são considerados como tal e, por isso, são excluídos do grupo.

3.1.5 Grupo de danças

O grupo de danças se reúne às segundas-feiras e é orientado por uma das coordenadoras. Escolhem as músicas, às vezes confeccionam a roupa que utilizam e criam coreografias que são apresentadas em eventos do município e também de municípios da região. Geralmente, essas coreografias estão relacionadas às datas comemorativas, tais como: dia das mães, dia dos pais, São João, Semana do Idoso, Semana Farroupilha, Natal.

Por exemplo, por ocasião do dia das mães, foi realizada uma apresentação para o grupo. Antes, porém, houve um pequeno problema com a dona V., pois ela se esqueceu da

roupa que o grupo utilizaria na apresentação. Precisou-se encontrar alguém que a levasse até sua casa a fim de que pudesse buscar a roupa. Enquanto esperava uma solução, ela repetia insistentemente:

(08)

Sem o trajinho não tem graça.

Quando alguém se dispôs a dar-lhe uma carona, as suas colegas, que já estavam devidamente trajadas, aplaudiram. Rapidamente estava de volta. Puderam, então, apresentar para o grupo a “Oração da Família”. Cantaram e dançaram fazendo gestos. Apesar de simples os movimentos eram carregados de emoção.

Durante as comemorações de São João, o grupo de danças apresentou-se no baile da terceira idade. É, também, um grupo formado apenas por mulheres, já que os homens não participam destes eventos. Nesta ocasião, porém, algumas delas caracterizaram-se com aparência masculina a fim de dançarem a quadrilha. Demonstraram muita criatividade na preparação da roupa e dos acessórios que utilizaram e foram recebidas com muito entusiasmo pelas pessoas que estavam presentes, motivando-as a continuarem o trabalho.

No exemplo (08), percebe-se que a caracterização do grupo de danças é importante para as participantes, a ponto de mobilizá-las a resolverem o problema da roupa de dona V., da mesma forma que, para dançar a quadrilha, algumas tiveram de providenciar roupas masculinas. Entre as participantes, há uma preocupação em desenvolver as tarefas da melhor forma possível, a fim de que possam representar de forma adequada e responsável os papéis que assumiram. Não é somente o nome de um dos integrantes que está em jogo quando se apresentam, mas a identidade de um grupo de pessoas.

Ao finalizar esta seção, concluo que as práticas discursivas e não-discursivas aqui discutidas, além de darem uma visão dos eventos do grupo, foram características do próprio contexto no qual os sujeitos estão inseridos. Com efeito, estas práticas organizaram-se de acordo com os interesses e necessidades dos participantes e relacionaram-se aos eventos que vivenciam no seu dia-a-dia.

Analisando-se estas práticas, ficou evidente que a relação entre os sujeitos está permeada por um poder capaz de constituir identidades e produzir silêncios e resistências. Conforme Foucault (1988), as relações de poder não acontecem na forma de um sobre o outro, mas agem e são imanentes a outros tipos de relações: econômicas, sexuais, de conhecimento. No grupo de terceira idade, estas microlutas e enfrentamentos se fizeram presentes, produzindo e constituindo os sujeitos.

Por fim, é importante destacar que a busca para identificar-se como sujeito da terceira idade determinou os discursos presentes no grupo, o que permite compreender os temas das palestras realizadas e os eventos dos quais participaram.

Posso inferir, portanto, a partir dos dados observados que as práticas discursivas e não-discursivas presentes no grupo constroem os sujeitos da terceira idade, algumas vezes configurando-se como momentos de resistências, outras vezes como forma de marcar a diferença, no caso dos sujeitos que não se identificam com a representação considerada pelo grupo como constitutiva deste novo sujeito.

Assim, descritas estas práticas, na seção seguinte trato dos eventos e práticas de letramento que se apresentam no dia-a-dia dos sujeitos.

3.2 Eventos e práticas de letramento nas atividades cotidianas dos idosos

Para se compreender como os sujeitos lidam com as situações de letramento em suas atividades, os dados basearam-se mais propriamente nas entrevistas.

Quando questionados sobre os eventos e práticas de letramento no grupo, os sujeitos relacionaram essa questão somente à aquisição do código escrito, ou seja, à alfabetização.

(9)

T- No grupo, que usos são feitos da leitura e da escrita e em quais atividades se percebe isso?

*R- Alguma [pessoa] que não sabia nem escrevê o nome, a L. [referindo-se à uma das coordenadoras] tá ensinando. Daí eu pensei: 'Ah, eu sô véia, eu não vô mais porque eu sei escrevê e sei lê, chega né?
[risos]*

Pelo exemplo (09) observei que dona R. relacionou o fato de alguém estar aprendendo a ler e escrever com o letramento. Quando se referiu que a coordenadora estaria ensinando alguém que não sabe ler e escrever, também justificou o porquê de não estar participando das aulas de alfabetização dizendo “*eu sô véia*” e “*eu sei lê e escreve*”, ou seja, utilizou esse argumento para sugerir que consegue realizar as tarefas que necessita no seu dia-a-dia com o conhecimento que possui, por isso não acha necessário participar do grupo de alfabetização.

Depois que esclareci a pergunta, relacionando-a com práticas de letramento que estão inseridas no grupo, perceberam como sendo evento de letramento, a leitura das músicas que constam nas pastas de cantos utilizadas pelo coral, os cartazes sobre datas comemorativas, as faixas com o nome do grupo e nome de eventos dos quais participam. Embora as concepções que trazem de leitura e escrita perpassem a idéia de que o

letramento está relacionado ao contexto escolar, como se viu no exemplo (09), perceberam que os eventos citados acima poderiam se constituir em eventos de letramento.

Apesar disso, outros eventos e práticas de letramento são comuns no grupo: as cartelas de bingo e o próprio jogo, as palestras, as mensagens e poesias e o cartão que serve para anotar a pressão arterial. No entanto, ao relacionarem o letramento somente com um ambiente formal de aprendizagem não perceberam que estão imersos em situações que envolvem a leitura e a escrita, nem mesmo que, independente dos sujeitos serem ou não alfabetizados, estão envolvidos com o letramento.

Ao serem questionados sobre os usos que fazem da leitura e da escrita no seu dia-a-dia, a pergunta pareceu mais significativa, surgindo, como exemplos, a leitura das contas de luz, de água, a nota do supermercado. Dona O. ao ser entrevistada, contou que:

(10)

Eu sô muito de lê e escrevê. Eu até escrevi o histórico da minha família (+). (in) dos meus bisavô pesquisei tudo dos meus bisavô, dos meus avô, dos meus pais, dos meus irmão, até meus sobrinhos. Eu fiz tudo. Então eu disse pros meus filho: 'Agora vocês continuem'. (...) Foi o N. F. que pediu pra mim pra escrevê a história da minha família. E daí eu contei assim, eu disse pro E. que meu bisavô veio da Alemanha recém-casado pra cá. Daí o E. disse: 'Mas escreve mãe!' Olhe, e em poucos dia eu tinha pronto o histórico, o que eu sabia. Daí aqui o B. K. esse é o meu único tio ainda, daí eu fui pedi ainda pra ele e eu ganhei a bíblia da minha vó. Ela tinha dez filhos então tem a data de nascimento dos dez filhos na bíblia. Daí eu sabia tudo, quando nasceram, com quem casaram, tudo. Então era muito fácil fazê esse histórico. Meus primo, tudo que são da família Kempf, todos nome consta no histórico. E a maioria eu sabia a data de nascimento e a idade. Os meus sobrinho tudo, eu tenho ao todo são vinte e seis os netos de meu pai. Todo eles eu sabia a data de nascimento. Lá eu escrevi tudo e a profissão de todos. Então eu disse pra eles: 'Se agora vocês querem pegá

a cópia e continuá eu dô a cópia pra vocês'. Agora eu gostaria de escrevê também a história da família da minha mãe(...).

Dona O. manifestou interesse pela leitura e escrita e foi além, fez do fato de narrar a história da família uma oportunidade de sentir-se importante, útil e responsável pela memória dos seus descendentes. Para tanto, trouxe eventos que se constituíram da pesquisa envolvendo a família (bisavós, avós, tios, sobrinhos), quando mencionou: “*Eu até escrevi o histórico da família*”. Tal evento não foi percebido por ela como algo que estivesse pronto, como se fosse uma prática acabada, mas que poderia ter uma continuidade: “*Então eu disse pros meus filho: ‘Agora vocês continuem’*”.

Tenho aqui, um exemplo claro de um *evento* e de uma *prática de letramento*: o *evento* constituiu-se a própria escrita da história, a *prática* esteve representada na forma como os familiares de dona O. leram a narrativa, as informações que trouxeram, contribuindo para que se realizasse essa escrita e os comentários que se estabeleceram a partir dela.

Diferentemente de dona O., ilustrado no exemplo (10), outra participante, desta vez a dona V, permite pensar em relação aos usos da leitura e da escrita no seu cotidiano. Apesar de analfabeta, utiliza-se da leitura e da escrita inclusive para trabalhar.

Veja-se o exemplo:

(11)

*T- A senhora me contou que vende AVON há alguns anos.
V- Sim.Tem 32 anos.*

Mesmo não tendo o domínio da leitura e da escrita formal, dona V. lida com situações onde o letramento se faz presente de forma significativa, já que é determinante para que possa realizar seu trabalho e conseqüentemente, receber por ele.

Ao ser entrevistada, falou que até pouco tempo não tinha interesse em aprender a ler e a escrever. Depois passou a interessar-se, mas sentia-se envergonhada por pensar que, na sua idade, ainda era analfabeta. Procurou justificar-se dizendo o porquê de não ter aprendido a ler e escrever, observável em:

(12)

Daí não tinha como ir na aula. E antes não era aquele compromisso de ir na aula. As outras minhas irmã tudo estudaram, menos eu. Eu fui uns 2 meses na aula, só. Depois não fui mais. Só tinha que ficá em casa cuidando meus irmão porque a mãe mais tava no hospital com o pai do que[interrompe a fala]. Eu não soube passá 15 ano, eu não soube nada.

Na sua fala, dona V. trouxe uma questão social de uma época em que estudar não era uma obrigação, mas um privilégio. Segundo ela, aprendeu a escrever seu nome com algumas amigas por ocasião de seu casamento. A baixa escolaridade ou a não escolaridade dos idosos, citada por Lisboa (2004) configura-se também como uma característica dos sujeitos aqui pesquisados (cf. Cap. I, quadro com o perfil dos sujeitos).

No entanto, apesar das dificuldades, o fato de ser analfabeta não impediu dona V. de trabalhar vendendo cosméticos. Veja-se:

(13)

T- A senhora passava a revista pra suas clientes, fazia as vendas e ele [o seu filho] lhe ajudava a preencher a planilha?

V- É ele me ajudava. E também os vizinho. Tudo mundo me ajudava também. Quando eles não tava eu ia pedi pra minha irmã ou qualquer vizinho. Que tudo eu me dô bem, graças a Deus. Agora eu já sei as coisa assim, meia de cor. Como contá, eu não sei fazê

no papel, eu vô indo. Muita gente diz: 'Nem enxerga direito'. Mas quando eu vô entregá uma coisa ou recebê eu já vô pensando, fazendo minha conta de idéia. Quando eu chego lá eu sei o que eu tenho que recebê, se eu tenho que dá troco, como é que é. Isso eu faço.

Este exemplo (13) mostra como dona V. encontrou uma forma de, mesmo analfabeta, realizar as vendas de cosméticos. Entregando os produtos, cobrando o seu valor e recebendo por eles, mesmo que alguém duvidasse de sua capacidade o trabalho era realizado por ela. Ainda, este exemplo remete-nos a Soares (2004) quando sugeriu que um sujeito, mesmo sendo analfabeto pode ser, de certa forma, letrado, porque vive em um contexto em que faz usos da leitura e da escrita e se envolve em práticas sociais de letramento (p. 24). Desta forma, dona V. apesar de analfabeta, está imersa em situações de letramento podendo-se, então, considerá-la letrada, pois no seu trabalho faz usos da leitura e da escrita cotidianamente.

Nos dias de hoje, dona V. participa do grupo de alfabetização e, vencendo a vergonha e o medo do desafio, está decidida a aprender a ler e a escrever. Talvez a sua busca pela alfabetização não tenha a finalidade de facilitar o seu dia-a-dia, mas possa estar relacionada ao poder que a sociedade atribui à leitura e à escrita. Dedicar-se a aprender a ler e a escrever pode ter relação como a aceitação social ou com o fato de sua voz ser ouvida como a voz letrada.

Percebi, ainda, com relação à leitura e à escrita que o que aconteceu com a dona O. e a dona V. não é comum à dona R. e à dona N., pois dona R. quando questionada por uma professora da classe de alfabetização de adultos se gostaria de se inscrever na turma, perguntou:

(14)

É pra estudá? Ah, então não quero, agora só quero dançá.

Dona R. demonstrou na sua fala que entende o estudo como algo árduo, trabalhoso, cansativo. Estar na terceira idade, para dona R. é poder pensar em diversão, em aproveitar a vida. O momento que está vivendo não parece relacionar-se a esforços ou a algo que não seja de seu interesse, por isso prefere dançar a estudar.

Dona N. também hesitou em dizer que voltaria a estudar. Por fim, depois de pensar um pouco respondeu:

(15)

*Pois é, se fosse o meu caso esse, eu talvez ia me interessá.
Nunca é tarde pra aprender.*

Os exemplos (10) a (15) evidenciaram que os sujeitos não dão a mesma importância à leitura e à escrita. Talvez pelos seus interesses serem diferentes, ou, ainda, pelo fato de que se o conhecimento que trazem de um código escrito lhes é suficiente para suprir as necessidades que se apresentam no seu cotidiano, a aprendizagem da leitura e da escrita não se torna necessária.

Os espaços sociais também influenciam no valor dado ao letramento. Mey (2001, p. 240) faz referência ao letramento como produto de uma participação ativa em determinada atividade social. Desta forma, percebi que o interesse pela leitura e pela escrita está relacionado às atividades das quais os sujeitos participam ou desenvolvem no seu dia-a-dia.

Com relação às diferenças entre a forma como os alfabetizados e os não alfabetizados se expressam ou participam no grupo, os sujeitos entrevistados não perceberam que possam existir essas diferenças. Consideraram que a forma como se comunicam, ou expressam sua opinião, não depende do fato de serem ou não alfabetizados, mas do fato de serem ou não

mais comunicativos ou espontâneos. Também sugeriram que todos são ouvidos e podem manifestar sua opinião e que não perceberam nenhuma forma de exclusão relacionada ao fato de alguém ser ou não alfabetizado.

O que diz respeito à relação entre a fala das pessoas e a sua cultura escrita, a única que admitiu perceber diferenças entre as pessoas alfabetizadas e àquelas que não são alfabetizadas foi dona O., porém não soube explicá-las. As demais quando questionadas a esse respeito afirmaram que não percebem diferença.

A partir dos dados observados, posso inferir que houve uma tendência dos sujeitos investigados em relacionarem o letramento à aprendizagem formal, ou a uma atividade cognitiva de aquisição da leitura e da escrita, quer seja, à alfabetização. Este fato está relacionado ao *modelo autônomo de letramento* em que a escrita se apresenta distante da oralidade e dos usos da leitura e da escrita no contexto social, sendo consideradas somente as práticas da escola ou aquelas tratadas em ambientes formais de aprendizagem.

Apesar disso, o grupo fez usos da leitura e da escrita, presentes em *eventos e práticas de letramento*. Tais *eventos e práticas*, no entanto, foram diferentes daqueles observáveis em outros domínios da vida cotidiana dos sujeitos, como sugere Barton (1994). No grupo de terceira idade, estes foram decorrentes das atividades propostas, mas que, por vezes, não foram percebidas pelos sujeitos como práticas sociais de usos de leitura e de escrita. Na sua vida cotidiana, no entanto, demonstraram perceber mais claramente que fazem usos da leitura e da escrita em diversas situações, quer seja em casa, quer seja para trabalhar como se percebeu com dona V. ou para registrar a história da família, como dona O. mencionou na entrevista.

Como já foi abordado por diversos autores (Signorini, 1994; Galvão, 2002; Soares, 2004), os resultados desta pesquisa mostraram que mesmo sujeitos analfabetos estão imersos em situações de letramento, pois fazem usos da leitura e da escrita no seu dia-a-dia, ou seja, estão envolvidos em práticas sociais de letramento. Considero, ainda, o que lembra Barton (op. cit.), que o letramento é social e culturalmente determinado, por isso dependendo do contexto social em que vivem ou trabalham, a leitura e a escrita assumem significados diferentes para os sujeitos, como se evidenciou nesta pesquisa quando se analisou como estes fazem usos da leitura e da escrita no seu cotidiano.

Ressalto que o fato de ser ou não alfabetizado não se tornou condição para que os sujeitos pudessem expressar sua opinião ou reivindicarem seus direitos de cidadãos. Isso não determinou, portanto, que estes fossem ouvidos ou não no grupo em que estão inseridos.

Analisados os dados referentes aos eventos e práticas de letramento, a seção a seguir investiga a relação entre as práticas sociais e a constituição da identidade do idoso no meio social, bem como nos grupos de terceira idade.

3.3 Grupos de terceira idade e a identidade do sujeito idoso

Para entender os traços que marcam a identidade dos sujeitos, procurei investigar quais as mudanças ocorridas nas atividades dos idosos nos dias de hoje, qual a imagem que têm de si mesmos, como participam do grupo, quais as atividades de que mais gostam, como expressam suas necessidades, como são representados e quais os interesses desses sujeitos.

Como já me referi, o idoso tem, atualmente, uma identidade constituída a partir da representação de um sujeito novo, mais saudável e mais alegre: o sujeito da terceira idade. Isto fica evidente quando solicitei que relatassem sobre mudanças nas atividades dos idosos depois do surgimento dos grupos da terceira idade. Sobre esse assunto, destaquei algumas falas que seguem:

(16)

R- IH! MUITA DIFERENÇA. Olha os coitado dos meus pais ficavam em casa esperá a morte. Se alegrá só quando os filho vinham ou iam nos culto. Só isso né. Eles não tinham divertimento como nós, não saíam como nós saímo, nem tinham nossas festa e nossas dança. Ih! Isso não era. Era triste, triste. Eu sempre me lembro se meu pai fosse vivo. Ele era muito alegre, ele ia dançá com nós. Mas o coitado morreu assim, sem nada. É a vida.

Neste exemplo, ficou evidente que a construção social do sujeito da terceira idade permitiu ao idoso continuar vivendo, participando de um grupo, se divertindo. Este sujeito não necessita mais ficar em casa, esperando a morte. Pelo contrário, na terceira idade surgiram outras atividades das quais ele participa, mantendo-se ativo e com vontade de viver. Observe-se:

(17)

R- Agora a gente nem qué marrê. [risos] Agora é muito bonita a nossa vida. Nem de solteira não tinha essa vida que nós temo hoje. Não é verdade?

Dona R. chamou atenção para o fato de que estando na terceira idade o idoso não quer morrer, mas sim viver esta nova fase da vida. E isto significa fazer o que, em muitos casos, não se fez a vida toda, pois não havia tempo para diversões, somente para o trabalho. Observe-se a fala de dona V.:

(18)

V- Eu disse que eu tô mais feliz agora de velha do que de nova.

Da mesma forma, dona A. M. também mencionou que seus pais não viveram a velhice, nem mesmo tiveram oportunidade de fazê-lo. O trabalho apareceu na sua fala como o único objetivo de vida. Quando não pudessem mais trabalhar, restaria esperar a morte. Veja-se:

(19)

A. M.- Antigamente o idoso não era visto como hoje. O que nós temo hoje nossos pai não tinha. Não tinha. Ficava em casa, era só trabalhá e nós não. Fizemo nosso serviço de manhã, se tem programa nós vamo, chegemo em casa (in). Daí a vida não é tão pesada.

Dona O., por sua vez, ressaltou a diferença entre a média de vida dos idosos antigamente e nos dias de hoje, relacionando este fato a sua integração na sociedade e à participação em atividades como os bailes:

(20)

O- MUITA, MUITA. (+) Muita diferença. Olha, antigamente os idoso sentavam num canto e se terminavam, hoje em dia não. Por isso duram mais. Antigamente uma pessoa passá os 65 ano era difícil. Hoje em dia, olha tem gente de 90 anos e são jovens ainda. Vão nos bailinho e dançam, são fortes, tem a mente boa.

Diante dos exemplos (16) a (20), percebi que os sujeitos ressaltaram as mudanças em relação à forma como os idosos viviam antigamente e como vivem nos dias de hoje. Pareceram convir que as atividades realizadas atualmente, diferem das atividades realizadas por seus pais, antigamente. Da visita dos filhos e participação nos cultos da comunidade passou-se a festas, bailes e passeios. E hoje vivem mais, “são fortes”, “têm

a mente boa”, “*a vida não é tão pesada*”! Mudou, assim, sua relação com a vida. Ao invés de esperar a morte, hoje querem viver e aproveitar o máximo possível.

Benincá (2003), ao tratar sobre o idoso e a questão da morte, salienta que o envelhecimento está associado ao final da vida como uma ordem natural que se cumpriu. No entanto, a autora enfatiza que assim como a morte pode interromper qualquer fase – a infância, a adolescência, a idade adulta – também interrompe a velhice, representando o fim de uma etapa que está sendo vivenciada pelos sujeitos (p. 85).

Como se pode observar, a terceira idade está sendo percebida como um momento a ser vivido intensamente e, por isso, a idéia de interrompê-lo não é bem recebida pelos sujeitos apesar da consciência que se tem da finitude. Dessa maneira, os grupos de terceira idade, bem como as práticas sociais neles inseridas estão contribuindo para uma nova percepção de envelhecimento e, por consequência, construindo um novo sujeito que acha sua vida mais bonita e que almeja viver mais. As atividades das quais estão participando possibilitaram ao idoso sentir-se útil e ativo, mantendo-se integrado socialmente. Também o contato com outras pessoas possibilitou-lhes restabelecer os vínculos dos quais foram destituídos com a aposentadoria e o afastamento dos filhos. Observe-se as falas abaixo em que os sujeitos referem-se aos encontros do grupo de terceira idade:

(21)

V- Nós começemo lá em cima no salão. Ali tinha gente de bengalinha, se arrastando, ninguém vivia. Como eu, eu não queria ir, depois eu comecei a ir e gostei. E comecei a levá as outras. Comecei convidá. Que era bom, que era uma felicidade para a pessoa porque eu tava socada dentro de uma casa também. Não saía, só trabalhava e daí então comecei a pedi pras pessoa andá com nós.

(22)

O- Cura tantas doenças e faz tão bem! (+). Não, pra mim foi muito bom isso. Eu já, eu e o finado nós era sócio (+), como sócio na U. O. [referindo-se a um clube onde um grupo de terceira idade se encontra], mas lá é só bailinho, não tem atividade. E, aqui, como eu gosto muito de crochê e bordado, olha EU ME REALIZO!

É possível perceber nas duas falas que os sujeitos relacionaram a participação no grupo com mudanças que aconteceram nas suas vidas, tanto emocionais, quanto físicas. Ficou evidente, no exemplo (21), a relação que existia entre a velhice, a doença e a depressão. As pessoas se aposentavam e restava apenas a espera da morte. Por meio de um novo discurso e de práticas sociais mudou-se a relação dos sujeitos com a sua velhice. Além de não mais esperar a morte, eles permanecem ativos, participando de diversas atividades. Os grupos de terceira idade passaram a representar, portanto, a vida e a cura para tantas doenças, como O. ressalta na sua fala (exemplo 22).

Em relação à participação nos eventos, os sujeitos demonstraram preferências diferentes. Dona O., no exemplo (22), considerou importante a sua participação no grupo, destacando o fato de poder realizar trabalhos manuais, uma das atividades que mais gosta. Dona N., assim como O., prefere os trabalhos manuais, apesar de estar consciente que o corpo precisa de movimento e que a atividade física é importante para sua saúde. Quando questionada sobre os eventos que mais gosta, dona N. respondeu:

(23)

Olha, eu praticamente gosto de todos eles, a não ser nos bailes que eu não me interesso muito. Também deveria de participar por causa do movimento. O movimento a gente precisava, mas gosto muito de trabalhar sentada no crochê, tricô, vagonite e macramê.

Dona R. demonstrou um interesse especial pelo coral, apesar de participar ativamente de todos os eventos proporcionados pela coordenação do grupo. Dona V., assim como dona A. M., gosta muito de participar dos bailes e dos passeios pelos municípios da região. Está, ainda, interessada em aprender a ler e escrever o que faz dela uma das participantes mais assíduas do grupo de alfabetização. Todas participam, portanto, dos eventos e podem inclusive escolher aqueles aos quais irão integrar-se mais.

Quanto a dar sugestões ou opiniões no grupo, há algumas divergências neste aspecto. Dona V. sugeriu que, em determinadas situações, foram suscitadas a dar sua opinião, mas nem sempre isso aconteceu. Já dona N. e dona O. concordaram com o fato de que puderam sugerir e dar opiniões sempre que quiseram ou acharam necessário.

(24)

T- Vocês têm espaço para darem opiniões ou sugestões?

V- Às vez elas [as coordenadoras] pedem, mas não é sempre.

(25)

T- Quando vocês têm alguma sugestão pra dar no grupo, vocês tem liberdade para sugerir? Conversar sobre?

N- Temos toda a liberdade pra dar sugestões. Às vezes são aceita, às vezes não, daí a gente fica, acompanha o que elas [coordenadoras] têm pra sugerir né?

(26)

T- E vocês conseguem dar a sua opinião ou sugestão?

O- Sim. Eu dô muita sugestão negócio de trabalhos manuais. Assim como (+) nós fazia o jogo de americano, então faziam ainda muito capa de bujão. Esses dia eu disse: 'L., ninguém usa mais bujão de gás na cozinha. Olha, não vale a pena costurá, bordá ou fazê crochê numa capa de bujão. Não vale a pena. Eu faço então uma capa de térmica e faço um trilho nesse lugar'. Ela disse: 'Faz como a senhora acha melhor'.

As diferenças referidas nos exemplos acima podem estar relacionadas com o fato de as opiniões ou sugestões partirem dos próprios sujeitos. Quando dona V. sugeriu que nem sempre as coordenadoras solicitaram sugestões pareceu estar esperando que sua opinião fosse suscitada, como no exemplo (24). Dona O., ao contrário, chamou atenção das coordenadoras para algo que considerava importante e sugeriu modificações colocando a sua opinião a respeito do trabalho, o que se vê no exemplo (26). São as *vozes* dos sujeitos definindo papéis diferentes para os participantes do grupo, também soando de forma diversa e produzindo ações diferenciadas.

No que se refere aos representantes do grupo da terceira idade, esses são constituídos pela rainha e duas princesas, pela Lady e pelo Mister. São escolhidos através de votação, e além do grupo, representam o município quando viajam para outros lugares, ou por ocasião da escolha dos representantes regionais. Todos os integrantes concordaram sobre a importância destes para o grupo, também convergiram a respeito de sua função, que seria somente de representá-los, o que não incluía tomar decisões no grupo. Dona V. já foi rainha e, numa outra oportunidade, havia sido princesa. Dona R. foi Lady. Veja-se suas falas a respeito:

(27)

T- E qual a importância de representar o grupo como rainha? Qual a importância para o grupo de ter uma representante?

V- SÓ QUEM É DESSES GRUPO! (+) [Parecia estar duvidando que alguém de fora conseguisse perceber a importância da rainha para o grupo de terceira idade].

(29)

T- Dona R., a rainha tem poder para tomar decisões no grupo ou apenas o representa?

R- Só representa. Daí quando nós saímos ela puxa a frente e se vem visita ela puxa a frente e recebe.

Pelo que posso observar, a escolha de alguém que represente o grupo faz parte da construção da identidade destes sujeitos, pois estes se vêem realmente representados naqueles que foram eleitos, observável no exemplo (28): “*SÓ QUEM É DESSES GRUPO!*”. Dona V. ao enfatizar que somente os integrantes do grupo de terceira idade poderiam perceber a importância dos seus representantes reforça esse fato. E, sendo escolhidas, essas pessoas são incumbidas de certas responsabilidades que lhe são exigidas pelos demais participantes: devem se fazer presentes nos eventos pertinentes ao grupo, participar dos bailes, passeios, apresentar os membros do grupo quando saem para outros lugares e, principalmente, receber bem os visitantes de outros municípios. Além disso, como sugere dona N. ao falar sobre a rainha:

(30)

Ser uma pessoa alegre e disposta.

É possível perceber que os próprios participantes estabeleceram alguns critérios para a escolha de seus representantes e para a inserção no grupo. Estes critérios estão relacionados a um conjunto de características que os definem como grupo de terceira idade, as quais são condizentes como o discurso estabelecido, atualmente, para os idosos. No que diz respeito à participação nas atividades do grupo, em especial nos bailes da terceira idade, por exemplo, todos os sujeitos concordaram que as pessoas devem ter pelo menos cinquenta anos de idade, e que os mais jovens devem participar de atividades destinadas a sua faixa etária.

(31)

T- Como a senhora vê a participação de pessoas mais jovens no grupo?

R- Olha, muito jovem eu não gostei. Eles dançam mais ligero e batem na gente. Nós não gostemo. Nós sempre dizemo: 'Não deixa entrá'. Eles tem os baile deles e nós temo os nossos baile, né? Eles não respeitam os velho.

T- Com que idade a senhora acha que seria mais adequado participar dos grupos de terceira idade?

R- Cinqüenta anos pra cima. Tem o direito de entrá no grupo dos idosos.

(32)

T- Como a senhora percebe a participação de pessoas mais jovens no grupo de terceira idade?

N- Terceira idade é terceira idade. Com menos idade provavelmente tem que trabalhar ainda e vão ter que esperar até chegar a idade certa para participar.

(33)

T- Tem que ter uma idade certa pra ser participante do grupo?

O- Sim, 50 anos pra mais.

T- Num dia destes, tinha uma discussão no grupo sobre a participação de pessoas mais jovens nos bailes da terceira idade. O que a senhora pensa sobre isso?

O- Eu acho que não é certo porque se é estipulado uma idade então é essa idade, né? (+)

Os exemplos acima evidenciam o critério da idade como uma forma de garantir que os bailes permaneçam destinados aos idosos. Dona R. e dona N. inclusive tentaram argumentar, com algumas proposições, que os mais jovens não se adequam às “normas” estabelecidas para a participação nos grupos de terceira idade. Ao mesmo tempo em que estão garantindo seu espaço, esses sujeitos também estão marcando a diferença existente entre o sujeito da terceira idade e o jovem. Acentuando o seu par binário, os mais velhos definem, portanto, as características que configuram sua identidade.

Outra questão importante a destacar está na fala de dona N., exemplo (32), quando se referiu que para participar de um grupo de terceira idade as pessoas mais jovens terão antes

que trabalhar e esperar até chegar à idade certa. A terceira idade passa a ser vista, então, como uma conquista. O sujeito que chegou a esta fase da vida conquistou o direito de vivê-la. Por isso, dona N compreende que os mais jovens terão que percorrer alguns caminhos antes de chegar até ela.

É interessante perceber ainda, qual a imagem que os sujeitos demonstraram, de si mesmos, nesta fase de suas vidas:

(34)

V- Imagem de gente feliz. Imagem que eu tô muito feliz, feliz mesmo e cada vez mais eu quero ficá. Aproveitá mais a minha vida. Eu e meu companheiro. Se Deus quisé.

(35)

R- Olha eu peço a Deus que nunca vai terminá. Que eles vão seguindo assim. Eu uma hora vô morré, mas tem os outros que ficam velho né? Que sempre tenha aquele prazer que nós também temo. Porque é muito bom a gente se encontrá com as amigas e tudo né? Tudo a gente conhece. (+) Que Deus abençõe nossa terceira idade.

(36)

N- Eu me sinto muito feliz com meus trabalhos. Eu de manhã levanto e penso: ‘O que será que eu vou começar hoje?’ Eu tenho às vezes quatro, cinco serviços de crochê, tricô, começados, daí eu penso de manhã, deito assim de costas e fico pensando o que será a primeira coisa que eu pego. E se tem assim um lugar pra diversão ou sair passear na casa duma amiga a gente se prepara também. Que nem eu e a tia [referindo-se à A. M.] sempre juntas, a gente às vezes se combina na hora do chimarrão: ‘Onde é que nós vamos hoje de tarde passeá?’ Daí a gente leva um trabalhozinho se a gente tem vontade, se não tem vontade deixa em casa que também às vezes cansa. E assim é a nossa vida, SE ENFEITÁ E SAÍ.

(37)

O- Olha, eu pra dizê, eu não sei me imaginá uma pessoa idosa, porque eu não me acho idosa [risos]. Eu me acho ainda aquela mulher dos quarenta ano, apesar de que já tô

com sessenta e oito eu me acho assim aquela mulher dos quarenta, cinquenta ano. Não sei me imaginá uma pessoa muito velha. Olha, eu não acho diferença. Pra mim não é idoso, não é jovem, pra mim PESSOA É PESSOA.

Nos exemplos (34), (35) e (36), é perceptível que os sujeitos deixaram transparecer uma imagem positiva da fase que estão vivendo no momento. Na suas falas observei que estão felizes, bem dispostos, que têm amigos, passeiam e sentem-se úteis realizando suas tarefas. O exemplo (37), no entanto, chama atenção para o fato de dona O. não se imaginar como uma pessoa idosa, apesar de expressar como vê o idoso anteriormente (cf. exemplo 18). Na sua fala, ela demonstra não concordar com o fato de ser velha, por que, embora sua idade cronológica, dona O. sente-se como o “jovem idoso” que sonha, passeia, se exercita, dança, canta e faz planos.

A partir dos resultados, tornou-se, portanto, evidente que o sujeito da terceira idade é um novo sujeito que está sendo construído a partir de discursos e práticas sociais presentes na sociedade e que estar na terceira idade significa ter uma identidade, identificar-se com um grupo, com os seus representantes e participar de diversas atividades. Esta nova fase de suas vidas relaciona-se, ainda, à saúde física e emocional, como eles mesmos sugeriram.

Também, que subjacente ao fato de ser da terceira idade está a aceitação e a permanência deste sujeitos no meio social, o que vai além de simplesmente fazer parte de um grupo com o qual se identifica. Significa, principalmente, ser valorizado e ser percebido pela sociedade como alguém que pode viver bem e não como quem está somente à espera da morte.

A seção que segue refere-se às relações entre os sujeitos e ao poder atribuído às suas vozes.

3.4. As relações entre os sujeitos: vozes que soam

Nesta seção busquei compreender como se deram as relações entre os sujeitos, qual o papel que cada um exerce no grupo, como as opiniões são consideradas na tomada de decisões e como se resolvem os conflitos e as divergências. Procurei entender se as diferenças culturais, de cor, ou de sexo, poderiam influenciar nas decisões ou nas opiniões dos sujeitos. Ainda, quais os discursos que se estabeleceram na sociedade atual e que permeiam o contexto investigado.

No grupo de terceira idade ficou evidente que, assim como em qualquer outro espaço social, há papéis definidos, regras a serem cumpridas e que existe uma organização de tarefas e atividades que fazem parte da rotina dos encontros.

Apesar de não terem poder de tomar decisões, os participantes podem manifestar sua opinião e dar sugestões diversas sobre as atividades e a organização das tarefas. Além disso, também podem reivindicar mudanças quando não concordam com alguns acontecimentos.

Embora se perceba esta possibilidade de sugerir ou de opinar sobre algo, senti que algumas pessoas não o fazem, como é observável na fala de dona V., na qual ela deixou claro que a voz que decide é a voz da coordenadora:

(38)

*V- Quem decide é as que ajudam.
T- As coordenadoras do grupo?*

V- É as coordenadoras.

T- E quando vocês não concordam com alguma coisa, que acontece no grupo, por exemplo, como isso se resolve?

V- É elas [as coordenadoras] que resolve, não nós.

A exemplo de dona V., dona R. também se posicionou de forma parecida quanto à questão:

(39)

T- E quem toma as decisões no grupo?

R- Olha, nós temos um chefe [referindo-se ao secretário do Trabalho, Assistência Social e Habitação], mas aqui com nós é a L., a Ni., a No., essas três são muito amigas, muito companheira.

T- Quando vocês querem falar sobre algo que acontece no grupo, vocês conseguem dizer o que pensam pra elas? Tomam decisões em conjunto? Como é que funciona?

R- Olha, essas três. Elas que decidem. Elas trazem para nós o trabalho e tudo.

As opiniões desses sujeitos divergiram, neste aspecto, de alguns fatos observados durante a inserção no grupo, pois como observei anteriormente, uma reivindicação dos participantes resultou em mudanças com relação à presença de pessoas mais jovens nos bailes da terceira idade (cf. seção 3.1.4, exemplo 7).

Dona O. e dona N., apesar de concordarem com dona V. e dona R. quanto ao fato de que a voz da coordenadora é a voz que é ouvida pelo grupo, mencionaram em suas falas o fato de poderem sugerir sobre alguns assuntos (exemplos 25 e 26). Parece-me que as divergências entre as opiniões dos sujeitos poderiam delinear algumas hipóteses: determinadas vozes são ouvidas, outras não; algumas pessoas manifestam sua opinião no grupo e outras não opinam por insegurança; outras participantes preferem não se

envolver e por isso não costumam dar sugestões, aceitando sem contestar as decisões tomadas pelas coordenadoras.

Com efeito, alguns sujeitos consideraram que aquilo que já está declarado, que já está definido, não pode ser questionado, ou seja, que a voz da coordenadora é a responsável pelo grupo e, portanto, essa voz decide o que for necessário. Assim, aceitaram as decisões e só sugeriram quando foram solicitados a fazê-lo. Por outro lado, aqueles que compreenderam a relação entre coordenadoras e participantes de forma diferente demonstraram, nos resultados, que em alguns momentos questionaram o que foi decidido e sugeriram modificações quando necessário.

Desta forma, compreendo que as vozes não têm o mesmo estatuto, não soam da mesma forma (Mey, 2001). Algumas podem ser ouvidas, outras devem ser ouvidas, algumas são aceitas, outras não. São as relações de poder que estão presentes nos espaços sociais e muitas vezes são reforçadas pela dissonância entre uma voz e outra.

No que se refere às diferenças de cultura, cor, sexo ou religião, alguns sujeitos mencionaram que não havia nenhuma forma de distinção ou exclusão entre os participantes do grupo:

(40)

T- Apesar das diferenças que a senhora percebe na fala das pessoas, todos são ouvidos e aceitos no grupo?

O- Sim, todos. Não tem diferença na cor, na religião, na raça, são todos iguais.

(41)

T- A senhora percebe se existe alguma pessoa que é excluída do grupo por algum motivo?

N- Não, não. O nosso grupo é tudo uma união. Não existe isso.

(42)

T- Existe alguma forma de exclusão no grupo, por serem analfabetos, ou negros, ou mulheres, por exemplo?

R- Não. Um trata como o outro, somos tudo amigas.

Conforme os exemplos (40), (41) e (42), os sujeitos não perceberam nenhuma forma de exclusão. Todos são ouvidos e aceitos no grupo, como pontua dona O. na sua fala: “*Não tem diferença na cor, na religião, na raça, são todos iguais*” (40).

Diferentemente de dona O., dona N. e dona R., no entanto, na fala de dona V. foi possível perceber uma situação em que se referiu à exclusão de uma pessoa que participa dos bailes da terceira idade:

(43)

V- Agora tem gente que faz isso. Nós temos uma morena, lá da F. [referindo-se a um bairro do município], uma grandona. Ela vem só nos baile. Eu danço muito com ela porque ela é muito dançadeira e nós se acertamos dançá. Então dizem: ‘Sempre tu tá dançando com aquela morena. Parece que gosta’. Eu digo: ‘Eu gosto de todo mundo’. Isso já me criticaram. Mas eu gosto de todo mundo, é branco, é preto, eu também sou preta! Tem as alemoa racista, nós temos no meio ali. Não gostam muito dos preto. Mas isso a gente nem faz conta. Eu cuido da minha vida e os outros que cuidem da deles.

Dona V. demonstrou que existe, no grupo, o preconceito com o diferente. Como já foi abordado no Capítulo 2, seção 2.3, a representação é a marca que se inscreve nos sujeitos e que constrói a identidade e a diferença. Tanto a morena ou a preta, quanto a alemoa, são identidades construídas socialmente, pela representação desses sujeitos. Porém, como menciona Silva (2003), o poder está inscrito na representação. É ele que define como se processa a representação e quais os efeitos produzidos por ela. Efeitos capazes de construir identidades culturais e sociais e reforçar estas relações.

Desta forma, compreendo as diferenças estabelecidas entre o branco, representado neste caso pela alemoa, e o negro, referindo-se à morena: o branco como sendo a identidade dominante, como a norma, e o negro como identidade subordinada, “que carrega todo o peso da representação” (Silva, op. cit. p. 49). Ser a identidade subordinada é carregar, portanto, o peso da exclusão, do preconceito. Preconceito que se faz presente, gerando conflitos, mas também resistências.

Portanto, alguns sujeitos são excluídos no grupo, ou por suas ações, ou pelas diferenças de raça ou de cor. Apesar de, no geral, não admitirem haver distinção entre um participante e outro, os resultados acabaram por evidenciar este fato. Como já mencionado na seção 2.3, identidade e diferença são processos inseparáveis (Silva, op. cit.) e, por assim se constituírem, são determinantes de relações de poder que se estabelecem entre discursos e representações, construindo os sujeitos no meio social.

Ainda sobre esta questão da exclusão, é importante refletir que o Brasil apresenta um discurso de igualdade racial. Segundo este discurso, no país da mistura das raças ninguém é racista. No entanto, isso não se confirma, como é possível observar neste estudo. Além disso, ao se considerar que o racismo não existe, está impedindo-se que se possa lutar contra ele, pois não se pode lutar contra algo que não existe. Parafraseando Foucault, onde há relações de poder, há resistências, enfrentamentos e transformações. Como poderá haver resistência, luta e mudança, em relação ao racismo, se não se admite a sua existência e, portanto, não se admite relações de poder?

Outra questão a se discutir, é a forma como os sujeitos lidam com os vários discursos que permeiam o grupo e a sociedade. Alguns sujeitos adaptam-se mais facilmente às mudanças no comportamento das pessoas e à evolução da sociedade. Outros, no entanto,

têm mais dificuldades para compreender as transformações que estão ocorrendo no mundo, em geral, mantendo suas crenças e valores vinculados à tradição e aos costumes.

Dona R., ao referir sobre sua vida com seu companheiro, por exemplo, demonstrou concordar com uma representação de mulher submissa e que serve ao marido, de forma a satisfazer todas as necessidades do companheiro. Esse discurso masculino, que se naturalizou e que algumas mulheres ainda insistem em manter, está presente na sua fala. Veja-se:

(44)

A hora que eu não gostá mais de alguma coisa e se eu não posso mais fazê meu serviço [referindo-se a lavar, passar, cozinhar], o que que eu quero com ele [o companheiro] daí? Daí eu tenho plano de ir no meu cantinho de novo.

Dona R. ao sugerir que só poderá viver na casa de seu companheiro enquanto puder realizar as tarefas de dona de casa, está consentindo com esta representação de mulher. Mas, como já tem uma certa idade, preocupa-se, pois se não puder mais realizar os trabalhos domésticos não servirá mais para ser sua esposa: “*se eu não posso mais fazê meu serviço o que que eu quero com ele daí?*”

Dona A. M. e dona N. nas suas falas refletiram algumas preocupações com as mudanças na sociedade, com relação ao comportamento dos jovens, ao relacionamento entre pais e filhos e ao casamento, como se pode observar nos exemplos abaixo:

(45)

N- O sistema dos jovens hoje em dia não é mais a mesma coisa como nós, no nosso tempo. Muito, muito diferente. (...) Nós, por enquanto, tamos aí, mas o dia que nós faltar (+) aí vai sê bastante difícil pra eles porque eles tem uma certa teimosia em aprender e aceitar as coisas como a gente aprendeu.

(46)

A- Eu acho que depois, daqui pra frente nem casamento não vai existi mais. É tantos que tão se separando e os filho enxerga isso e o que vão fazê? Nem vão casá, né? A televisão também mostra muita coisa.

(47)

N- Eu, pra mim, que nem uma vez um pastor lá na cidade de Quinze de Novembro tinha um pastor, não me lembro o nome dele, na rádio I., na Hora Evangélica, ele falou assim: 'Essa geringonça que nós temos hoje em dia, vai estragar a vida de todos os jovens'. E eu acho que é isso que tá acontecendo realmente. (+)

[A palavra geringonça se refere à televisão.]

No exemplo (45), é perceptível que a fala de dona N. ao se referir aos jovens explicitou um conflito entre estes e os idosos, caracterizando-se pelas diferenças entre a forma como vivem hoje e como os velhos gostariam que vivessem. Percebo que há uma resistência de dona N. quanto a aceitar as mudanças no comportamento dos jovens, mas, ao mesmo tempo, ela denunciou uma resistência destes em aceitar as coisas como ela aprendeu. Mais do que apenas um conflito entre gerações, subjacente a esta questão está a representação construindo identidades. A representação que não é um campo passivo, mas atravessado por relações de poder (Silva, 2003, p. 47), criando sentidos, constituindo os sujeitos seja como jovens, rebeldes, que deveriam aprender com os velhos, ou como idosos, mais experientes e que podem ensiná-los sobre as coisas da vida.

Os exemplos (46) e (47), por sua vez, relacionaram-se à presença de discursos veiculados pela mídia e que, como os sujeitos sugeriram, influenciaram na vida das pessoas. Primeiramente, esses discursos são questionados por dona A. M. quando refletiu sobre os valores tratados pela televisão, sugerindo que pudessem ser a causa de algumas mudanças nas práticas sociais, como o casamento. Dona N. também mencionou

o exemplo de um programa de rádio no qual um pastor sugere que a televisão estaria estragando a vida dos jovens. O rádio, no entanto, diferentemente da televisão, estaria veiculando um discurso baseado na tradição e nos valores religiosos, observável quando dona N. cita o nome do programa: *Hora Evangélica*.

No que se refere às transformações ocorridas na sociedade e na aceitação dessas mudanças, as falas de dona O. e dona V. diferenciaram-se das falas anteriores, como se percebe a seguir:

(48)

O- Eu não estranho muito, porque a gente toda a vida tava no comércio. E mesmo com os jovens, olha, eu fazia que não enxergava e deixava. Nunca estranhei.

(49)

V- Eu sô católica, mas gosto demais das outra religião. São boa igual, que Deus é só um.

Dona O., no exemplo (48) demonstrou na sua fala que as modificações ocorridas na sociedade estão estabelecidas há algum tempo o que não causou nenhuma estranheza, nem mesmo em relação aos jovens. Ela atribuiu essa sua capacidade de compreender as mudanças ao fato de por muito tempo trabalhar com comércio, convivendo constantemente com várias pessoas. Dona V., no exemplo (49), assim como dona O., também demonstrou, na sua fala, mais tranquilidade com relação a compreender outros discursos e aceitá-los. Definiu-se como católica, mas esse fato não lhe impediu de freqüentar uma outra igreja e sentir-se bem, porque como sugere “*Deus é só um*” .

Nessa perspectiva, é importante trazer para a discussão o que Mey (op. cit.) aborda ao tratar de voz. Segundo esse autor, as vozes dos sujeitos não são produzidas num vácuo, mas estão organizadas socialmente e incorporadas às práticas que compõem o cotidiano de um grupo ou de uma comunidade. Portanto, essas vozes podem estar relacionadas a um sistema de crenças, tradições, regras morais, jogos, divisão de trabalho, relação entre sexos, cosmologias científicas. Isso explica o fato dos sujeitos compreenderem de forma diferente o contexto em que vivem, e as transformações pelas quais a sociedade está passando.

Ao se concluir esse capítulo, ressalto que, a partir dos resultados, pude entender como as *vozes* ecoaram no grupo de terceira idade, quais foram as *vozes* ouvidas e que discurso expressaram. Compreendo que neste espaço social existem representações da mulher, do negro, do jovem, do velho, reforçadas pelas relações de poder. Também, que os discursos que perpassam o meio social estão presentes no grupo, causando algumas resistências de um lado, mas de outro a aceitação das novas concepções, representações e por conseqüência, a constituição de novos sujeitos.

Percebo que os idosos preocupam-se com o envelhecimento, cuidam da sua saúde, participam das atividades e demonstram disposição para continuar vivendo. Não esperam a morte, nem demonstram tristeza por estar na terceira idade, pelo contrário, consideram-se felizes e sentem-se bem emocional e fisicamente.

Finalizando, é importante apontar que, no grupo de terceira idade e no cotidiano dos sujeitos, percebi a presença de eventos e práticas de letramento. Embora assumindo significados distintos, conforme os interesses de cada pessoa e o domínio a que se referem, a leitura e a escrita fazem parte do contexto social destes sujeitos, independente deles serem ou não alfabetizados. Dessa forma, posso concluir que, assim como em outros contextos informais já pesquisados por diversos autores, as práticas discursivas de letramento

estabelecem relações no grupo investigado, evidenciadas nas situações em que, direta ou indiretamente, a leitura e a escrita estão envolvidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação teve como objetivo investigar as *práticas e eventos de letramento* e as práticas sociais em um contexto de idosos, percebendo as relações que se estabelecem entre essas práticas e a constituição do sujeito da terceira idade. Para se compreender os resultados, serão retomadas as perguntas que nortearam a pesquisa, quais sejam:

(a) Quais as práticas discursivas presentes no grupo de terceira idade?

A partir da inserção no grupo investigado e do diálogo estabelecido com os sujeitos desta pesquisa, observei que as práticas discursivas presentes e os eventos dos quais participam estão voltados a atender às necessidades e aos interesses dos sujeitos da terceira idade: manter-se ativo, integrado socialmente, sentir-se útil e viver a velhice de forma saudável. Percebi que estes interesses revelam os discursos presentes, atualmente, na sociedade, sobre os idosos.

Como já mencionei anteriormente, os discursos, as representações e as relações de poder constroem os sujeitos. Com efeito, as práticas discursivas e não-discursivas, dentre elas o jogo de bingo, o grupo de cantos, as palestras, a roda de chimarrão, o grupo de danças, além de permitirem ao idoso, ocupar o seu tempo, sentir-se útil, fazer amizades e divertir-se, estão contribuindo com a representação de um novo sujeito idoso e, desta forma, estão sendo constitutivas destes sujeitos, e de sua identidade social.

(b) O que pode influenciar a participação nessas práticas?

O idoso participa dos grupos de terceira idade, bem como das práticas nele desenvolvidas, pois busca identificar-se com as características que definem estes sujeitos e, dessa forma, ser aceito socialmente.

Atualmente, na mídia falada ou escrita, nas igrejas, nas instituições educacionais, nas associações de bairros, nas políticas públicas, entre outros contextos, o idoso está sendo visto como um sujeito que pode viver bem e com saúde, manter a beleza e rejuvenescer, conservar a mente ativa, lúcida e melhorar a auto-estima. Também, nas práticas que permeiam o grupo de terceira idade as *vozes* condizem com aquelas que soam na sociedade, e influenciam na participação dos sujeitos nas atividades físicas, recreativas e nos jogos, que contribuem para a saúde do corpo e da mente; nas palestras que “ensinam” a melhor forma de se alimentar ou de se relacionar com os outros e consigo mesmo; nas atividades manuais que possibilitam manter a coordenação motora nos dedos e mãos; nos bailes e nos grupos de canto e dança que melhoram a auto-estima, alegam as suas vidas e permitem relacionar-se com outras pessoas.

Cabe ressaltar, a presença significativa das mulheres, no grupo de terceira idade. Essa participação efetiva, além de demonstrar que neste grupo de pessoas a população feminina é em maior número, também significou que a mulher participa das práticas discursivas do grupo de terceira idade porque está procurando viver intensamente a sua velhice, o que talvez não tivesse acontecido em outras fases da sua vida devido às responsabilidades e obrigações que tinha para com a sua família e, principalmente, devido à representação que a sociedade tinha e, em certos casos, ainda tem, do feminino.

Portanto, a partir dos resultados pude inferir que a participação nas práticas discursivas do grupo de terceira idade está motivada pelos interesses, necessidades e pela busca de uma identidade social destes sujeitos.

(c) *Quais as práticas e eventos de letramento característicos do grupo de idosos?*

Assim como em outros estudos realizados em contextos informais, a leitura e escrita são constitutivas da organização e funcionamento do grupo de terceira idade. Os resultados permitiram perceber que, embora não sejam percebidos por todos, *eventos e práticas de letramento* estão presentes no cotidiano destes sujeitos.

Desde a identificação do próprio grupo por meio de faixas e cartazes até a leitura de poesias, mensagens e canções, os *eventos*, atividades particulares onde o letramento tem um papel, ocorrem de forma recorrente nos encontros de terceira idade. *As práticas de letramento*, relações que se estabelecem a partir dos eventos, sendo maneiras culturais gerais de utilizar o letramento, acontecem e envolvem os sujeitos que, sem que se dêem conta, estão sendo constituídos também a partir da interpretação e produção de textos falados e escritos.

(d) *Quais as relações que perpassam as práticas discursivas e a constituição dos sujeitos de terceira idade?*

Inicialmente, é preciso considerar que subjacente às práticas discursivas presentes no grupo estão as relações entre identidade e diferença. Os discursos, as representações e as relações de poder, ao estabelecerem a identidade do sujeito da terceira idade, também constituem, paralelamente, a diferença. Foucault (1987), ao tratar sobre os sujeitos e sobre representação menciona que o indivíduo e o conhecimento que dele se pode ter são produzidos pelo poder. Pode-se inferir, dessa forma que o poder está presente na constituição da identidade.

Os resultados revelam que, mesmo que os sujeitos não admitam a existência de diferenças entre os participantes, em um determinado momento tornou-se perceptível algumas formas de exclusão evidenciando que estas diferenças estão marcadas pelas

representações das identidades culturais ou sociais. Tais resultados podem ser explicitados nos termos de Chartier (1994) que, assim como Foucault (op. cit.), mencionou a existência de uma relação entre representação, identidade e poder. Segundo Chartier, a representação coletiva de um sujeito – seja ele negro ou branco, velho ou jovem, ou de qualquer que seja a etnia – determina a forma como ele é visto socialmente. Assim, as práticas discursivas trazem presentes as representações coletivas dos sujeitos sejam elas referidas no próprio grupo ou no meio social, determinando as *vozes* que ecoam no grupo de terceira idade.

Notei, ainda, que o contexto no qual os idosos estão inseridos, está permeado por diversas *vozes* ou discursos como as crenças, as tradições, as religiões, a cultura, as regras morais. Como Mey (op. cit.) sugeriu, as *vozes* são produzidas e produzem o meio social. Dessa forma, os discursos presentes na sociedade influenciam as ações dos sujeitos e a sua interação com os demais participantes do grupo de terceira idade.

O reconhecimento destas relações, que perpassam a constituição do sujeito da terceira idade, bem como o próprio grupo, configura-se na primeira contribuição desta pesquisa. Levando em conta que estes sujeitos estão inseridos num grupo social, concluí, portanto, que estão imersos em relações de poder que os constituem e, ao mesmo tempo, determinam a construção do espaço social no qual estão inseridos.

Uma segunda contribuição da pesquisa diz respeito à relação entre as práticas discursivas e a integração do idoso ao meio social. Se, por um lado, o sujeito da terceira idade se constitui a partir de relações de poder, por outro lado a identidade que o idoso assumiu a partir do discurso da terceira idade, contribui para a sua reintegração na sociedade. É evidente que o idoso hoje está mais feliz e as práticas discursivas presentes no grupo colaboram para que se sinta desta forma.

Por fim, uma última contribuição refere-se ao letramento enquanto prática social. No início, o que representava um desafio, tornou-se uma forma de contribuir com os estudos que se constituem nesta área. O fato de não haver pesquisas em contexto de idosos relacionadas à temática do letramento motivou-me a desenvolver este estudo que se configura hoje numa realidade.

Os resultados da pesquisa contribuíram para perceber que os sujeitos do grupo de terceira idade fazem usos da leitura e da escrita, de forma diversa, no domínio do grupo e, também, em outros domínios, independente de sua condição de alfabetizado ou não alfabetizado. Além disso, percebi que a leitura e a escrita assumem significados diferentes para os sujeitos do grupo, dependendo do contexto em que se encontram.

Outra questão a destacar é que tanto os *eventos* quanto as *práticas de letramento* presentes no grupo de terceira idade estão relacionados à identidade do sujeito da terceira idade. Este fato possibilita mencionar a importância de pesquisas relacionadas a esta temática e abre uma discussão que pode se realizar com outros grupos também possuidores de uma identidade social, como a terceira idade. Como exemplo, poderia citar uma investigação sobre a igreja, os fiéis e a leitura da Bíblia, ou sobre as leis presentes no país e como os cidadãos analfabetos têm acesso a elas e reivindicam seus direitos.

Ressalto que este estudo teve algumas limitações no que se refere à inserção num grupo de idosos já que eu não me caracterizo como um sujeito de terceira idade. Também que o fato dos integrantes terem percepções diferentes do grupo e da sociedade demonstra a heterogeneidade dos sujeitos, o que sugere que outras pesquisas poderão ter resultados distintos.

Ao concluir este trabalho, pondero que esta dissertação não tem a pretensão de criar generalizações ou conclusões acerca de práticas discursivas e construção de identidades

sociais, muito menos de dar respostas, ou encerrar a discussão que estabeleci a partir da temática. Pelo contrário, pretendo suscitar dúvidas e questionamentos que possibilitem outras problematizações e outros estudos, pois considero que este é apenas um espaço de reflexão e de diálogo como outros pesquisadores que também demonstrem interesse por estes mesmos temas.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli E. D. A., LÜDKE, Menga. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

ÁRIES, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

BARTON, David. **Literacy – in introduction to the ecology of written language**. Blackwell, Oxford UK & Cambridge USA, 1994.

_____, David and HAMILTON, Mary. *Literacy practices*. In: BARTON, D.; HAMILTON, M. and IVANIC, R. (ed) **Situated literacies – reading and writing in context**. Routledge, London, 2000. p. 07-15.

_____, D.; HAMILTON, M. e IVANIC, R. (ed) **Situated literacies – reading and writing in context**. Routledge, London, 2000.

BEAUVOIR, Simone de. **A Velhice**. Tradução de Maria Helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BENINCÁ, Ciomara Ribeiro Silva. Idoso e morte: qualificação da experiência de finitude. In: BOTH, Agostinho, BARBOSA, Maria Helena S., BENINCÁ, Ciomara Ribeiro Silva (Org.). **Envelhecimento humano: múltiplos olhares**. Passo Fundo: UPF, 2003, p.82-95.

BOTH, Agostinho, BARBOSA, Maria Helena S., BENINCÁ, Ciomara Ribeiro Silva (Org.). **Envelhecimento humano: múltiplos olhares**. Passo Fundo: UPF, 2003.

BORTONI, Stella Maris. *Variação lingüística e atividades de letramento em sala de aula*. In: KLEIMAN, Ângela (Org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1995, p.119-144.

BRASIL. **Lei Federal 10.741 de 1º de outubro de 2003** . Estatuto do idoso.

_____. **Decreto Federal número 3.659, de 14 de novembro de 2000**.

CACHIONI, Meire. **Quem educa os idosos?** Campinas: Editora Alínea, 2003.

CHARTIER, Roger. *A história hoje: dúvidas, desafios, propostas*. **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, vol. 7, n. 13, 1994, p. 97-113.

CLANDININ, D. Jean. **Classroom practice**. Imago Publishing Ltda, Thame, Oxon, 1986.

COLLING, Ana Maria. **A construção da cidadania da mulher brasileira – igualdade e diferença**. PUC -RS 2000. (Tese de doutorado)

COUTINHO, Ana Carolina Faria. *Práticas e eventos de letramento de jovens e adultos: um estudo com porteiros*. 28ª Reunião Anual da Anped. Caxambu, MG. 16-19/10/2005. [CDROM].

DREYFUS, Hubert, RABINOW, Paul. **Michel Foucault. Uma trajetória filosófica. Para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas. Uma arqueologia das ciências humanas**. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 1981 (1966).

_____. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987 (1975).

_____. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro, Graal, 1988 (1976).

_____. *Sujeito e poder*. In DREYFUS, Hubert, RABINOW, Paul. **Michel Foucault. Uma trajetória filosófica. Para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 231-249.

_____. **Ditos & Escritos IV. Estratégia, Poder-Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

_____. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004 (1984).

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Oralidade, memória e mediação do outro: práticas de letramento entre sujeitos com baixos níveis de escolarização – O caso do cordel (1930 – 1950). In: **Educação & Sociedade: Revista de Ciência da Educação**. Vol. 23, n. 81, p. 115-142. Campinas, SP: CEDES, dezembro/2002.

HAMILTON, Mary. *Expanding the new literacy studies: using photographs to explore literacy as social practice*. In BARTON D.; HAMILTON, M e IVANIC, R. (ed) **Situated literacies – reading and writing in context**. Routledge, London, 2000, p. 16-34.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. <http://www.ibge.gov.br> Acesso em 06/10/05.

KLEIMAN, Ângela (Org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1995.

LISBOA, João Carlo. **A educação na relação entre médico e paciente: um estudo de caso com a população geriátrica de Ijuí (RS/BR)**. UNIJUÍ, Ijuí, 2004 (Dissertação de Mestrado).

LUCA, Mônica Maria Barbosa Leiva de. *Identidades Sociais em Produção e Envelhecimento: Um Estudo de Caso*. In: SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes Von, NERI, Anita Liberalesso, CACHIONI, Meire (Org.). **As múltiplas faces da velhice no Brasil**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2003, p. 189-210.

MAGALHÃES, Izabel. *Práticas discursivas de letramento: a construção da identidade em relato de mulheres*. In: KLEIMAN, Ângela (Org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1995, p.201-235.

MARCUSCHI, Luiz Antônio, SIGNORINI, Inês (Org.). **Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2001.

_____. **Análise da conversação**. São Paulo: Ática, 1986.

MEY, Jacob L. **As vozes da sociedade: seminários de pragmática**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2001.

MINAYO, Maria Cecília. **Política Nacional de Prevenção de Acidentes e Violência**. Disponível em http://chagas.redefiocruz.fiocruz.br/~ensp/biblioteca/dados/Maria_Cecília_Minayo.ppt, acesso em 25/05/2006.

_____. *Violência e Exclusão Social no Brasil*. Notícias – Fiocruz lança campanha pela proibição do comércio de armas no Brasil. Disponível em: <http://www.desarme.org>, acesso em 25/05/2006.

NERI, Anita Liberalesso. *Atitudes e Crenças sobre a Velhice: análise de conteúdo de textos do jornal O Estado de São Paulo publicados entre 1995 e 2002*. In: SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes Von, NERI, Anita Liberalesso, CACHIONI, Meire (Org.). **As múltiplas faces da velhice no Brasil**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2003, p. 13-54.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Baurú: Edusc, 2005.

RATTO, Ivani. *Ação política: fator de constituição do letramento do analfabeto adulto*. In: KLEIMAN, Ângela (Org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1995, p.267-290.

REVEL, Judith. **Michel Foucault: conceitos essenciais**. São Carlos: Clara Luz, 2005.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues. *Concepções não-valorizadas de escrita: a escrita como “um outro modo de falar”*. In: KLEIMAN, Ângela (Org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1995, p.65-89.

ROTTAVA, Lucia. *Letramento: a prática e eventos de leitura e de escrita*. In: **Formas e Linguagens**. Vol. 2. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 2002.

SCOTT, Joan. **Gênero; uma categoria útil de análise histórica**. Tradução de Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. Recife: SOS Corpo, 1991

_____, Joan. **La citoyenne paradoxale. Les féministes françaises et les droits de l’homme**. Paris: Editions Albin Michel, 1998.

_____, Joan. **A Cidadã Paradoxal. As feministas francesas e os direitos do homem**. Florianópolis: Mulheres, 2002.

SIGNORINI, Inês. “A letra dá vida mas também pode mata”. In: **Leitura: Teoria & Prática** - Revista Semanal da Associação de Leitura do Brasil. Ano 13, n. 24, p. 20-27. Campinas, SP: Mercado Aberto Ltda, dezembro/1994.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **O currículo como Fetiche**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes Von, NERI, Anita Liberalesso, CACHIONI, Meire (Org.). **As múltiplas faces da velhice no Brasil**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2003.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2 ed., 8. reimpr. – Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

TERZI, Sylvia Bueno. *A oralidade e a construção da leitura por crianças de meios iletrados*. In: KLEIMAN, Ângela (Org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1995, p.91-117.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e Alfabetização**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

TUSTING, Karin. *The new literacy studies and time: an exploration*. In BARTON D.; HAMILTON, M e IVANIC, R. (ed) **Situated literacies – reading and writing in context**. Routledge, London, 2000, p. 35-53.

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. www.discurso.ufrgs.br acesso em 09/02/2006

WILSON, Anita. *There is no escape from third-space theory: Borderland discourse and the in-between literacies of prisons*. In BARTON D.; HAMILTON. M e IVANIC, R. (ed) **Situated literacies – reading and writing in context**. Routledge, London, 2000, p. 54-69.

WODAK, Ruth. **Do que se trata a ACD – um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos**. Revista Linguagem em (Dis)curso. ISSN 1518 – 7632, v. 4, n. especial, 2004. Disponível em <http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/revista/principal.htm>, acesso em 06/02/2006.

ANEXO

Entrevista aberta, aplicada aos sujeitos da pesquisa

1. Identificação:

1.1 Nome:

1.2 Idade:

1.3 Sexo:

1.4 Escolarização

2. Dados sobre as situações de letramento presentes no cotidiano dos idosos:

2.1 No grupo de terceira idade do qual você participa, que usos são feitos da leitura e da escrita (eventos e as práticas de letramento), e em quais situações isso acontece?

2.2 As práticas comunicativas do grupo da terceira idade são diferentes de outros lugares (domínios) como de sua casa, da casa de um(a) vizinho(a), da casa de alguém de sua família? Em caso afirmativo, tente explicar quais são essas diferenças.

2.3 Qual a relação entre a fala das pessoas (a oralidade) e a sua cultura escrita?

2.4 Existe diferença entre a forma como os alfabetizados e os não alfabetizados se expressam (discurso) ou participam no grupo? Em caso afirmativo, como você percebe essa diferença?

2.5 No grupo, todos são “ouvidos” e podem manifestar sua opinião? Existe alguma forma de exclusão? Em caso afirmativo, quais são os motivos dessa exclusão?

3. Dados sobre a identidade do sujeito da terceira idade:

3.1 O que é preciso para ser um(a) participante do grupo de terceira idade?

3.2 De quais atividades você participa? Qual você mais gosta? Por quê?

3.3 Houve mudança nas atividades dos idosos depois do surgimento dos grupos da terceira idade? Em caso afirmativo, cite algumas mudanças.

3.4 Quais os interesses dos idosos, atualmente?

3.5 Como é a participação dos membros do grupo na organização das tarefas e atividades das quais participam?

3.6 Você participa, dá sua opinião ou sugestão?

3.7 Como o grupo expressa suas necessidades e interesses perante a sociedade?

3.8 De que maneira busca garantir o atendimento destas necessidades?

3.9 O grupo tem um(a) participante que o represente nas diversas tarefas que desenvolvem?

3.10 Em caso afirmativo, como foi escolhido(a)?

3.11 Como você percebe a participação de outras pessoas (mais jovens) nas atividades do grupo?

4. Dados sobre as relações entre os sujeitos:

4.1 Qual o papel que cada componente exerce no grupo?

4.2 Como são decididas as ações do grupo?

4.3 As opiniões do grupo são levadas em conta pelos coordenadores do grupo?

4.4 Quando há divergência de opiniões, como se resolve o assunto?

4.5 Quem tem a palavra final na tomada de decisões?

4.6 As diferenças culturais, de cor, ou de sexo, influenciam nas decisões ou na opiniões dos participantes do grupo?

4.7 O que pensa sobre:

a) religião

b) casamento

c) política

d) estudo e alfabetização

e) jovens

4.8 Que imagem tem do idoso e da velhice?

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)